

DESCENDÊNCIAS

M A G A Z I N E



CONSULTORIA FISCAL E DE GESTÃO

Ao seu Lado
acompanhando
o seu negócio
quer seja desenvolvido
em nome pessoal ou
através de uma
sociedade de forma
personalizada

As áreas de suporte
e apoio à gestão
são ajustadas às suas
necessidades
potenciando o seu
negócio tendo
em conta a nossa
experiência
internacional.



Business Adviser, Gabinete de Contabilidade
Processamento de Salários, apoio fiscal e ao estatuto RNH

Apoiamos a nossa atividade há já duas décadas
a partir das cidades de Lisboa, Paris, Marraquexe.



Lisboa, Paris, Marraquexe



+351 211 978 542



info@cisterdata.pt



www.cisterdata.pt

p/ 06 e 07.

Promover a língua e a cultura. Por José Governo, Diretor Executivo da AILD
património Imaterial Por Philippe Fernandes, Presidente da AILD

p/ 12.

Grande Entrevista
Paulo Cafôfo, Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas

p/ 32.

História Social da Angola
Depoimento de Victor Amorim Guerra

N E S T A E D I Ç ã O

p/ 36.

Artes e Artistas Lusos, Regina Pessoa
Por Terry Costa, Presidente/Diretor-Artístico, MiratecArts

p/ 43.

Teimosia Crónica. Depressões
Por Gabriela Ruivo, Escritora

p/ 44.

Líderes & Empresárias: Patrícia Cunha
Por Sylvie das Dores Bayart, Empresária Dijon

Obra de capa

Artista Plástico: João Timane

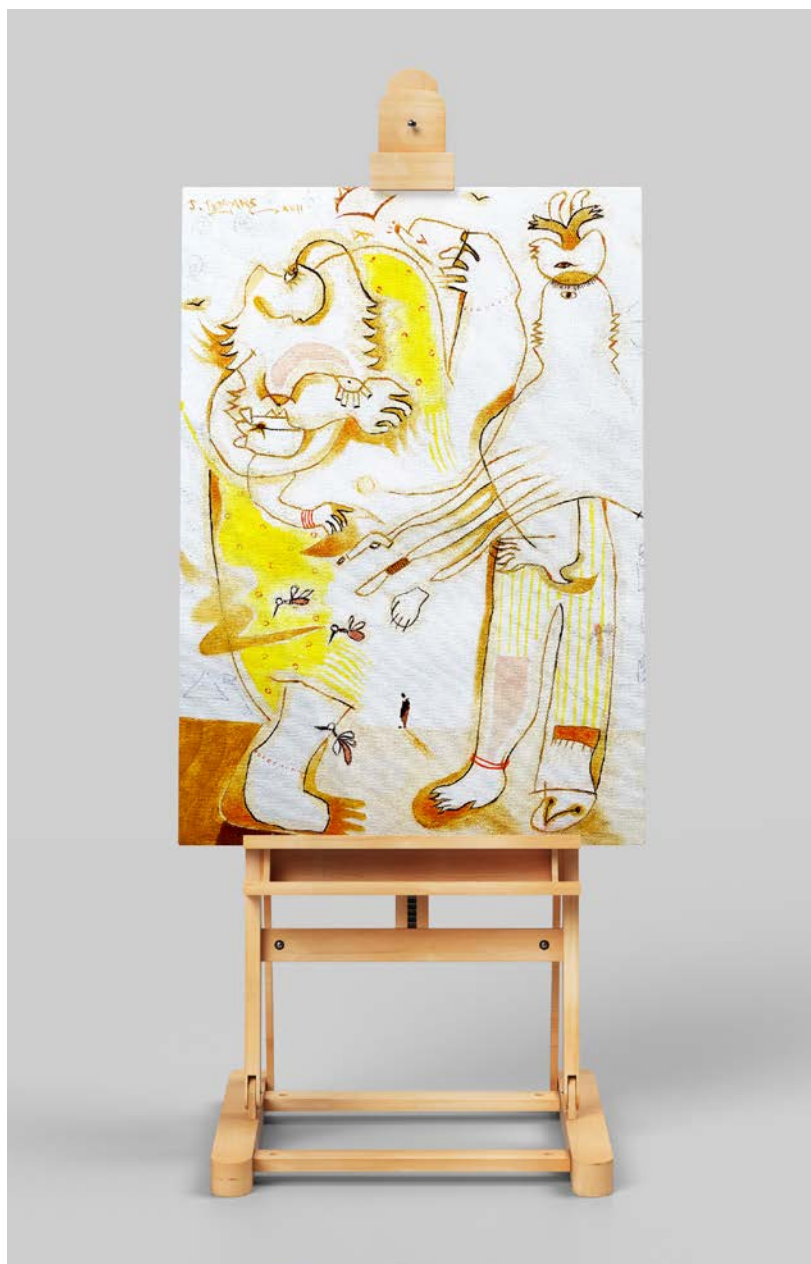
Dimensões: 49 x 33

Técnica: Acrílico sobre tela

A morte do Pernilongo

Olho para a tela tentando apreender o seu significado. Quem compreende uma tela descobre-se a si mesmo, diz-se. Olho aquela que está diante de mim donde sobressaem duas figuras humanas. Reparo nas suas mãos estendidas, nos seus olhos atormentados e sobretudo nos indesejáveis pernilongos, nome que se designa em terras moçambicanas aos mosquitos, que se saíam nos corpos indefesos. Penso: quantos não se contorcem de malária agora que a chuva e as cheias assolam a minha terra? Olho atentamente para a tela e vejo, lá no fundo, um homem só, como se estivesse fora do mundo. Será um duende? Imagino-o com uma poção mágica capaz de matar os pernilongos que molestam o meu povo.

Marcelo Panguana, escritor
obrasdecapa@obrasdecapa.pt



F T

Diretora Fátima Magalhães | **Diretora Adjunta** Gilda Pereira | **Editores** Ana Sofia Oliveira, António Manuel Monteiro, Cristina Passas, Diana Correia, Fátima Pinheiro, Flávio Alves Martins, Gabriela Ruivo, João Costa, José Governo, Luciana Zettel, Mafalda Lourenço, Marco Neves, Maria do Carmo Mendes, Marta Costa, Melissa da Silva, Nuno da Lima Luz, Paula Cristina Veiga, Philippe Fernandes, Sílvia Faria de Bastos, Sylvie das Dores Bayart, Vítor Afonso | **Revisão** JG Consulting | **Design Gráfico** Amostra de Letras | **Estatuto editorial** <https://descendencias.pt/estatuto-editorial/> | **Editor e Proprietário** Amostra de Letras Lda, NIF 515975591 | **Administração** Fátima Magalhães - 100% capital | **Periodicidade** Mensal | **Contactos** E: info@descendencias.pt W: descendencias.pt T: 309 921 350 | **Publicidade** E: publicidade@descendencias.pt | **Anúncios** A Amostra de Letras Lda, não é responsável pelo conteúdo dos anúncios

nem pela exatidão das características e propriedades dos produtos e/ ou bens anunciados. A respetiva veracidade e conformidade com a realidade são da integral e exclusiva responsabilidade dos anunciantes e agências ou empresas publicitárias | **Direitos** Em virtude do disposto no artigo 68º nº2, i) e j), artigo 75º nº2, m) do Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos artigos 10º e 10º Bis da Conv. de Berna, são expressamente proibidas a reprodução, a distribuição, a comunicação pública ou colocação à disposição, da totalidade ou parte dos conteúdos desta publicação, com fins comerciais diretos ou indiretos, em qualquer suporte e por qualquer meio técnico, sem a autorização da Amostra de Letras Lda | **Sede Editor/Redação** Rua dos Almocreves, 44 4455-029 Lavra - Matosinhos | **Registo** ERC 127522 | **Edição** 27, março 2023 - GRATUITA.

Editorial

Caros Leitores

Nos primeiros 9 meses de 2022, Moçambique registou 9,4 milhões de casos de malária.

As alterações climáticas tem em muito contribuído para o agravamento das condições ambientais proporcionando campo fértil para a multiplicação dos mosquitos – os Pernilongos.

João Timane e Marcelo Panguana falam-nos pelas suas artes, do sofrimento do povo moçambicano e deixam-nos mais um alerta, apelando ao reforço do apoio internacional para que este traga a “poção mágica” de forma a combater a este flagelo.

Que magnífica Obra de Capa, confesso.

José Governo descreve algumas das inúmeras ações desenvolvidas pela AILD com o objetivo de promover a língua e a cultura portuguesa. Conhece o Zé Pereira de Vildemoinhos? A empresa associada do mês de março é a “My Euro Business”, apresentada pela sua fundadora Cristinna Araujo. O Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas Paulo Cafôfo, está na grande entrevista de março, que em jeito de balanço nos dá a conhecer o trabalho realizado desde que tomou posse no XXIII Governo Constitucional. O Conselho das Comunidades Portuguesas continua a não ver as suas principais reivindicações satisfeitas e Flávio Martins disso mesmo nos vem dar conta. Iniciamos os depoimentos do projeto “História Social de Angola” com Victor Amorim Guerra, nascido em Benguela, escritor, dramaturgo e cronista. Não perca!

Eugénio de Paula Tavares é referido como um dos mais importantes marcos da cultura cabo-verdiana,

é o poeta desta edição da Descendências. Na rubrica Artes & Artistas Lusos, Terry Costa apresenta-nos a premiada realizadora de animação portuguesa Regina Pessoa. Imperdável! O Observatório da Emigração faz-nos um retrato da demografia da emigração Portuguesa. Descubra um olhar muito particular sobre as “depressões”, pela escrita sempre prazerosa de Gabriela Ruivo. Conheça Patrícia Cunha a mulher em-presária do “Umbrella Sky”.

Vítor Afonso sempre nos habituou mal, porque os seus artigos para além de didáticos, tem a particularidade de nos prender na sua leitura do princípio ao fim e este mês não é exceção. Se lhe despertei a atenção leia e comente. A médica pedopsiquiatra Andreia Araújo a propósito da irrequietude/hiperatividade, alerta para a importância do valor dos sintomas. É com muito orgulho que a Descendências Magazine apresenta Artur Pastor, uma referência no mundo da fotografia. Terminamos a nossa visita à Pérola do Atlântico e em vésperas do Grande Prémio de Formula 1, o João Costa leva-nos para Abu Dhabi. Mas afinal os Portugueses tem sotaque? Como sempre Marco Neves explica-nos. E por falar em explicar, sabe o que é a tokenização de ativos? O Presidente da Associação Portuguesa de Blockchain e Criptomoe-das esclarece. Fechamos esta edição com inúmeras informações fiscais para quem regressa a Portugal. Estamos certos de que tem um mês pela frente com boas leituras para desfrutar.

Até ao dia 1 de abril, sem enganar :)



Gilda Pereira
Diretora Adjunta

A I L D

Promover a língua e cultura além-fronteiras - Um desafio!

Um dos grandes desafios e objeto da existência da AILD é a promoção da língua e cultura portuguesa, sobretudo, junto das comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo. A AILD tem desenvolvido um conjunto de ações e iniciativas que visam exatamente promover a língua e cultura portuguesa, procurando a cada dia encontrar novas estratégias que permitam alargar o seu raio de ação e a sua eficácia. Uma dessas estratégias tem sido a criação de delegações da AILD em diversos países, possibilitando desta forma alargar a rede da AILD, a rede de contactos com emigrantes e lusodescendentes. E é precisamente desta rede e destes contactos que se vai conhecendo gente extraordinária ligada ao mundo empresarial, mas também ao mundo cultural, artístico e linguístico, ao qual a AILD tem procurado ser um veículo de ajuda, apoio e divulgação, tem procurado ser uma semente que começa a dar frutos.

Temos procurado ir ao encontro destes talentos e divulgá-los através dos nossos meios, como tem sido

exemplo a revista “Descendências Magazine”, em que “não temos capas, temos obras de capa”, ou seja, em cada capa da revista temos uma obra de arte de um artista português das comunidades portuguesas, procurando promover e divulgar a sua obra. Uma divulgação e promoção não apenas na capa da revista, mas também através de exposições físicas, em parceria com o Camões Instituto I.P., tal como aconteceu recentemente através da exposição Obras de Capa, da artista plástica angolana Erika Já-mece no Camões – Centro Cultural Português em Vigo. Ainda muito recentemente promovemos e divulgamos, através das nossas redes e meios de comunicação a Maria do Rosário Pedreira, vencedora do prémio literário Correntes d’Escritas 2023.

Assim como temos procurado promover e divulgar os escritores em língua portuguesa a residir fora de Portugal e que tanto contribuem para a promoção e divulgação da língua portuguesa fora de portas, e que muito nos orgulha, alguns

dos quais membros da AILD, tal como recentemente divulgamos também, o lançamento do livro de Agnaldo Bata “Nas Bordas do Arco-íris”, que se realizou no Camões, Centro Cultural Português em Maputo.

Uma referência também a destacar do trabalho estratégico e de parceria que tem vindo a ser desenvolvido com a Rede de Ensino de Português no Estrangeiro – EPE, através do Camões Instituto I.P. que tem tido resultados muito positivos, como foi o caso recente do Concurso Literário “As minhas férias em Portugal”. Promover a língua e cultura portuguesa além-fronteiras – além de um desafio patriótico, deve ser e tem que ser uma ação estratégica.

Olhando para todas estas sinergias, onde não importa o país onde as ações de promoção da língua e cultura portuguesa e promoção do território português são desenvolvidas, ou onde os artistas estão a residir, faz todo sentido recordar Fernando Pessoa e terminar com a célebre frase: “A minha pátria é a língua portuguesa”.

Acabámos de viver o Carnaval, para mim que sou de Viseu, o Carnaval está marcado por um som muito peculiar, o som dos tambores e sobretudo o som dos bombos do “Zé Pereira de Vildemoinhos” que com os seus desfiles anunciam a festa e que faz a festa durante a festa. É difícil ficar indiferente ao desfile do “Zés Pereiras”, o som ecoa no nosso corpo e o nosso coração sente o ritmo dos tambores. Este ritmo peculiar, está também presente nas romarias, nas festas de aldeia, e é um som muito nosso, que está presente por esse mundo fora onde deixámos parte da nossa herança. Quem vivenciar o Carnaval pelo Rio Janeiro ou em Minas Gerais, vai imediatamente sentir-se

em casa embalado por este ritmo que nos é tão familiar. Este ritmo está ligado à chula, que é uma dança popular e género musical de Portugal, de andamento ligeiro e de ritmo bastante marcado por um tambor conhecido por zabumba, por triângulo e chocalhos, originária do Alto Douro e do Minho. Quando há canto este é acompanhado por rabecas, violas, sanfonas e percussão. Aprofundado o conhecimento da Chula e dos conjuntos de tambores usados, identificamos que a nossa presença Minhota e do Alto Douro, ainda hoje se faz ouvir na grande maioria dos sons nortadinos no Brasil, e faz sem dúvida parte da nossa herança e do nosso património imaterial.

| A I L D

Património Imaterial

Temos um riquíssimo património imaterial que não deve ficar confinado a museus ou arquivos históricos, temos de ter a perceção que tem uma componente de passado, que tem que ser preservado, tem uma componente de presente, que deve ser mantido vivo no nosso dia-a-dia, e tem uma componente de futuro, que deve ser projetado para aumentar essa riqueza. Não resisto a homenagear o projeto REPASSEADO, que tem promovido artistas que mantêm vivas a nossa herança musical de uma forma moderna e atual, partilhando o nosso património imaterial por esse mundo fora de uma forma notável, proje-

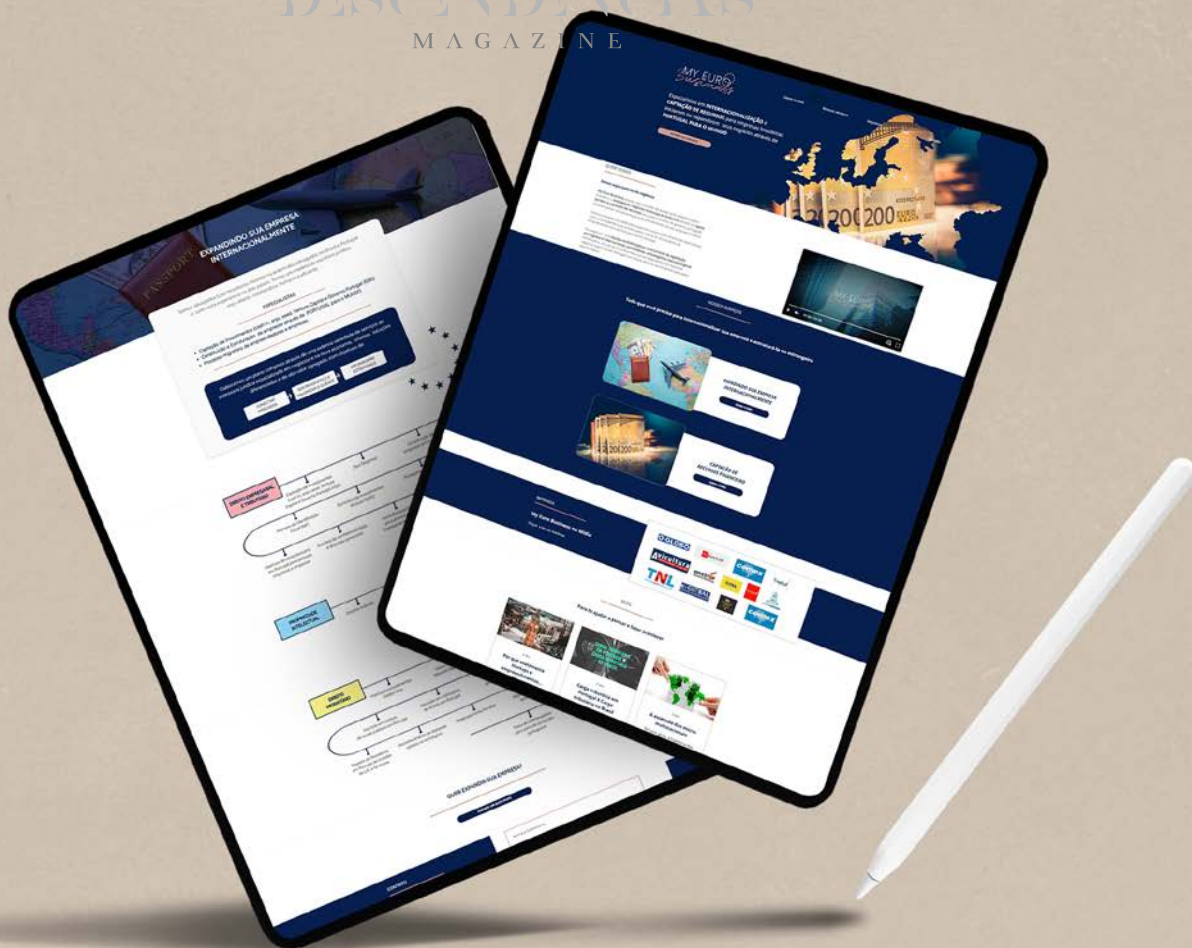
tando artistas da vanguarda da música portuguesa com traços tão nossos.

Destes artistas, não posso deixar de destacar o sucesso da Chula Alentejana, do artista OMIRI, que vos convido a descobrir no YouTube, e se calhar não vão resistir a ouvir o mega sucesso da “Canarinho” do mesmo artista, quem diria que veríamos as nossas avós com as suas velhas canções em top internacionais.

Saibamos valorizar a nossas heranças culturais, o nosso património imaterial que muito define quem nós somos e donde descendemos.



Philippe Fernandes
Presidente da AILD



EMPRESA ASSOCIADA

My Euro Business

Poderíamos começar a nossa conversa por conhecer um pouco melhor a história/percurso da Cristinna Araujo e quais os valores que têm norteado a sua atividade?

Profissionalmente, reuni experiência como executiva em multinacionais de TI e uma formação jurídica e me tornei especialista em Leis corporativas, em especial em captação de subsídios governamentais e captação de investidores anjo e VC. O início de minha carreira foi moldada pelos aprendizados que obtive ao trabalhar com empresas globais, tais como Microsoft, Novell, Oracle e Sun Microsystems, projetos sociais, Startups, aceleradoras e investidores angels. Iniciei como executiva de multinacionais e a formação de jurista veio depois e por acaso, porém logo no primeiro período já me apaixonei pela área, pois me permitiria ajudar a garantir direitos de pessoas e empresas. Sou filha de imigrantes portugueses, cresci entre os dois países, o que me deu pleno conhecimento das duas culturas e por consequência me permite atuar e compreender

os interesses dos empresários brasileiros e dos profissionais portugueses. Sou inscrita na Ordem dos Advogados em Portugal e no Brasil.

Nos últimos anos venho atuando em projetos de internacionalização de empresas do Brasil, EUA e Europa, através de Portugal com captação de subsídios do Programa Portugal 2020/2030 e em processos de investimentos atendendo VCs realizando neste executivo desde a Due Diligence até o contrato de Mútuo/SAFE. Este ano estamos iniciando a primeira rede de Venture Capital do Brasil e Portugal a BP-Angles. A BP-Angles apoiará startups a captarem suas rodadas de forma mais ágil e desburocratizada tanto no Brasil como em Portugal, e até o final de 2023 teremos na rede VCs dos EUA e outros países da Europa.

Portugal está praticamente iniciando sua história em investimentos para startups e como nossa experiência de anos atuando nesse mercado no Brasil, acreditamos que poderemos ajudar muitos processos. Para além disso, a BP-Angles também permitia que os VCs invistam junto com



Cristinna Araujo Founder e CEO do MyEuroBusiness e da BP-Angels

o os subsídios do Portugal 2030. Sou Founder e CEO do MyEuroBusiness e da BP-Angels, instituições que apoiam o processo de internacionalização de uma empresa desde a constituição, busca de localização, contratação, enquadramento de benefícios fiscais e captação de recursos públicos e privados.

Atualmente, quais são os principais serviços/produtos disponibilizados pela MyEuroBusiness e da BP-Angels e a quem se destinam?

Os principais serviços são a elaboração e execução de projetos de internacionalização e captação de investimentos de Venture Capital e subsídios do Programa Portugal 2020/2030. Nossos clientes são indústrias e startups.

Na sua opinião, o que tem diferenciado a MyEuroBusiness e da BP-Angels da concorrência e, sobretudo, perante o cliente?

Acredito que nosso maior diferencial é conhecer muito bem as duas culturas, pois apesar de ser a mesma língua, a forma de pensar e atuar são bem diferentes e no início percebi claramente que se não tivéssemos essa competência seria muito provável fracassar os projetos. Confesso que até mesmo para mim que cresci com portugueses e brasileiros, no entanto era um relacionamento pessoal familiar, quando iniciei as relações profissionalmente, também tive dificuldades para conduzir nos projetos um entendimento entre as partes.

Como avalia atualmente o mercado em que a MyEuroBusiness e da BP-Angels operam? Quais os principais desafios que se impõem?

Para mim é fantástico, pois permite apoiar projetos globais. Participar do início da jornada internacional de uma empresa é uma honra. Penso que o mercado de investimentos é sempre um bom mercado, entretanto exige



Cristinna Araujo

muita competência, caso contrário poderá perder dinheiro e crescimento. Quanto aos desafios, penso que conseguir captar recursos para que esses projetos possam ser realizados é um grande desafio. Temos uma equipe incrível e altamente qualificada, logo elaborar os projetos e implementar podemos garantir a entrega, mas a captação sempre dependerá de terceiros e aí está nosso maior desafio, aprovar investimentos.

De que forma a MyEuroBusiness e da BP-Angels têm procurado responder eficazmente a esses desafios e assim contribuir para alavancar este setor?

Trabalhando muito, com muita dedicação e competência. Eu por exemplo me coloco a disposição dos meus clientes em qualquer dia, seja sábado ou domingo, estou sempre disponível para respondê-los. Também ser muito verdadeiro, sempre que temos um contato, avaliamos internamente se o negócio na nossa visão tem fit com o mercado e será elegível para captação, em caso negativo, damos um feedback para o empresário sob a nossa visão, do que ele necessitaria realizar antes de iniciar o projeto.

Atualmente, quais os principais mercados onde atua e em que outros desejaria marcar presença no futuro?

Atualmente no Brasil, Portugal, Reino Unido, França e EUA, e temos metas para ainda esse ano estar em mais 4 países.

A internacionalização é importante para o futuro da MyEuroBusiness e da BP-Angels?

Já somos internacionais, e sim, considero que a internacionalização não é uma opção, mas sim fundamental para qualquer empresa ter sustentabilidade em seu negócio. Diversificar o faturamento em economias diferentes permite minimizar o risco do negócio, é um dos pontos fundamentais atualmente, dessa forma a empresa não fica refém de uma única economia e pode ter acesso a benefícios do exterior.

Quais as metas que a MyEuroBusiness e da BP-Angels ainda pretende alcançar?

Ser autoridade e ser reconhecida em captar recursos para realizar projetos de internacionalização.

O que podemos continuar a esperar da MyEuroBusiness e da BP-Angels num futuro próximo?



Cristinna Araujo

Realizar muitos projetos de internacionalização tendo Portugal como um Hub para expansão global com apoio dos subsídios do Portugal 2030 e captar para startups investimentos tanto para o mercado interno como para internacionalizarem.

Sendo a Cristinna filha de Português, como sente a portugalidade?

Cresci ouvindo fado, comendo broa, presunto, salpicão e rebuscados..rsrsr. Cresci no Brasil dentro da colônia portuguesa e em Portugal com uma infância incrível, pois minha família é de Amarante e lá me permitiu ter contato com a natureza mais que no Brasil por viver no Rio de Janeiro. Também tinha primos para brincar e no Brasil não. Cresci vendo minha avó cair em lágrimas toda vez que se

despedia de nós. Em Portugal tenho tios, primos, irmã, sobrinhos e amigos. Por isso, de verdade tenho mais afinidade com Portugal. Não tenho mais meu pai, mas sempre fico imaginando a felicidade dele em ver Portugal hoje, um país forte e estruturado, o que na época dele era diferente, tanto que teve que imigrar.

A AILD está a criar uma rede internacional de pessoas que se vão poder interligar e colaborar entre si. Como vê este projeto e quais as vossas expectativas?

Acho incrível. Esse objetivo de interligar pessoas, é estar alinhado com a globalização, penso que a iniciativa é belíssima. E a colaboração será consequência inevitável. Por isso, parabeno a vocês pelo trabalho e agradeço pelo convite para participar.



João Vieira

Diretor Geral AILD - Negócios & Empresas



GRANDE ENTREVISTA

SECRETÁRIO DE ESTADO DAS COMUNIDADES PORTUGUESAS

PAULO CAFÔFO

Licenciado em História, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Paulo Cafôfo exerceu docência em várias escolas da Região Autónoma da Madeira, a par de diversos cargos de direção nos Conselhos Executivos e Pedagógicos. Em 2013, assumiu a presidência da Câmara Municipal do Funchal, cargo que exerceu até 2019. Desde 2022, integra o XXIII Governo Constitucional de Portugal, onde assume a pasta da Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas.



© Tiago Araújo

Nasceu na freguesia de Santa Luzia, no centro do Funchal, em 1971. Hoje é Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas do XXIII Governo Constitucional. Deixando os ofícios e posições de lado, quem é Paulo Cafôfo?

O exercício de auto-descrição nunca é fácil.

É do Padre António Vieira, a quem Fernando Pessoa denominou de Imperador da Língua Portuguesa, a ideia, que subscrevo, de que “Nós somos o que fazemos. O que não se faz não existe. Portanto, só existimos nos dias em que fazemos. Nos dias em que não fazemos apenas duramos.” Serei assim tudo aquilo que faço.

À parte do cargo que ocupo, ao qual me dedico com total empenho e motivação, sou como tantos outros concidadãos, madeirense, pai, cidadão, professor.

Seguiu as pisadas da sua mãe e licenciou-se em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 1995. Tornou-se professor de História e exerceu docência em várias escolas da Região Autónoma da Madeira, a par de diversos cargos de direção nos Conselhos Executivos e Pedagógicos. O que guarda ainda hoje desta passagem pelo ensino?





Ser professor é um privilégio e tenho muito orgulho na minha profissão. Tenho boas lembranças desses tempos de sala de aula, aonde voltei novamente durante um período em 2021 e 2022. Guardo na memória sobretudo um aspeto essencial que decorre dessa minha experiência: o empoderamento dos alunos por via do conhecimento. Muitos dos locais onde lecionei eram em zonas rurais e empobrecidas e era bastante encorajador e gratificante ver alunos meus a seguirem uma carreira, a evoluírem, por via do conhecimento.

Foi presidente da Câmara Municipal do Funchal, entre 2013 e 2019. Presidente da AMRAM – Associação de Municípios da Região Autónoma da Madeira e da CMU – Confederação dos Municípios Ultraperiféricos. Foi também Deputado na Assembleia Legislativa Regional da Madeira e, em 2020, eleito presidente do PS Madeira, naquela que foi a maior votação de sempre da história do partido. Em que momento se dá esta entrada no mundo da política?

Dá-se em 2012-2013, antes de avançar com a minha candidatura para a presidência da Câmara Municipal do Funchal. Nessa altura fui convidado para integrar, como independente, uma iniciativa do PS denominada Laboratório de Ideias. Participei nas sessões realizadas na Madeira dessa iniciativa, em discussões e debates sobre as políticas de futuro para a Região e para o país. Na altura eu era professor, dirigente educativo e dirigente sindical. Entusiasmei-me com esse debate, exprimi as minhas ideias a minha visão de futuro para a Madeira e para o país. Passado uns meses fui convidado para liderar, como independente, uma coligação de partidos à conquista da Câmara Municipal do Funchal, que vinha de cerca de 37 anos de maiorias absolutas ininterruptas de um só partido. Correu bem, ganhei. Foi a primeira alternância de cor política da principal Câmara Municipal da Madeira em democracia.

Desde 2022 integra o executivo de António Costa, tendo sido a escolha do primeiro-ministro para substituir Berta Nunes na pasta da Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas. O que o levou a aceitar este desafio?

Aceitei o desafio pela importância que reconheço às comunidades portuguesas e a possibilidade de contribuir para a sua permanente valorização, numa missão que se prossegue assente numa relação transversal decorrente das políticas que aqui se desenvolvem.

Como já foi referido, sou madeirense, nasci no Funchal, uma cidade pioneira no fenómeno da globalização. O Funchal foi uma das primeiras cidades que os europeus projetaram numa perspetiva Atlântica, sendo durante séculos um importante ancoradouro e local de passagem entre Europa, Américas e África. E a Madeira é historicamente uma Região com uma imensa Diáspora nas mais diferentes e longínquas geografias. Este enquadramento reforçou-me, naturalmente, a motivação para o diálogo com as nossas comunidades espalhadas pelo mundo.

Estimam-se em mais de 5 milhões os portugueses e lusodescendentes espalhados pelo mundo, havendo investigadores que apontam para um número ainda superior. Portugal tem uma diáspora extensa, mais de 1/3 da nossa população vive fora do território nacional. E são portugueses por inteiro que não devem ser esquecidos e muito menos desmerecidos. São o que podemos denominar de “ativo estratégico” determinante e relevante para a afirmação de Portugal, da cultura portuguesa e da língua portuguesa no mundo. Portugueses que, não esquecendo o seu país, optarem por seguir com ambições de vida noutras geografias. Portugueses para os quais tenho a motivação de aproximar de Portugal, a ambição de valorizar a sua importância e a certeza de que esta nossa imensa Diáspora tem um papel determinante no futuro do nosso país.



© Tiago Araújo

Enquanto Presidente da Câmara Municipal do Funchal, acompanhou as várias comunidades funchalenses espalhadas pelo mundo, nomeadamente com visitas à África do Sul, Venezuela, Reino Unido e Ilhas do Canal. Podemos afirmar que o cargo que hoje ocupa agora não difere muito da política que já conhece?

São formas diferentes de servir a causa pública, que têm em comum um trabalho de proximidade em prol das pessoas. Enquanto autarca, destacando a abrangência dos dossiês, tentei sempre ter na minha agenda as comunidades madeirenses, neste caso funchalenses, como prioridade.

Como Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas o âmbito do trabalho e da intervenção é necessariamente diferente, incomparável senão na finalidade última daquela que é a ação política, servir as pessoas, desenvolver, avançar.

A melhoria da qualidade e eficiência do serviço prestado pelos consulados, o apoio social, o incentivo ao investi-

mento, a dinamização cultural e o ensino da Língua Portuguesa foram alguns dos objetivos assumidos para este mandato. Decorrido um ano desde a tomada de posse que balanço faz?

As nossas Comunidades constituem um ativo estratégico, a nível político, económico e cultural, para o posicionamento de Portugal no mundo e o Governo continua empenhado na valorização das Comunidades Portuguesas. No dia 30 de março faz um ano que tomei posse e as prioridades neste ano têm sido em linha com esse propósito, em várias dimensões.

Na dimensão da permanente melhoria do serviço público, temos apostado em dotar os postos consulares dos meios humanos, financeiros e tecnológicos adequados às necessidades e aspirações das comunidades portuguesas e, em geral, de todos os utentes que a eles acorrem. Dando sequência a esta prioridade destaco a implementação do Novo Modelo de Gestão Consular, que alarga o espectro de soluções disponíveis para os nossos concidadãos, com a in-



© Tiago Araújo

trodução de canais de atendimento à distância acessíveis a todos por via de aplicações informáticas. Constituirá, a meu ver, uma ferramenta inovadora, trazendo celeridade, eficiência e comodidade para os utentes.

Nesta dimensão destaco ainda o alargamento do âmbito territorial do Centro de Atendimento Consular para 11 países, permitindo um atendimento remoto via telefone e através de serviço de mensagens em atos que não requeiram uma presença física no posto, bem como a adoção de medidas extraordinárias no Consulado-Geral de Portugal em Londres, com o atendimento ao sábado para pedidos de cartão de cidadão e passaporte.

Está também em curso a execução do consulado virtual, um projeto exigente, complexo e importante que esperemos que a primeira fase esteja concluída em junho.

Defendo que o atendimento será sempre tanto melhor quanto maior for a valorização e reconhecimento dos recursos humanos, e nessa componente temos conseguido avanços:

- Resolvemos a situação dos trabalhadores no Brasil, que se arrastava desde 2013, com uma valorização salarial de 49%. Foram publicadas duas portarias dos mecanismos de correção cambial para 2022 e os seus pagamentos regularizados;

- Foram promovidas 40 mobilidades intercarreiras e abertos 10 concursos para cargos de chefe de chancelaria e contabilidade, postos de chefias intermédias fundamentais para melhorar a eficiência na gestão, a coordenação e a capacidade de resposta.

Na dimensão da cultura, destaco o trabalho feito para a plataforma Portugal Muito Maior, que se encontra numa fase de pré-lançamento, com a inscrição de mais de 400 músicos.

Destaco o apoio ao associativismo, que vê o seu orçamento reforçado para este ano de 2023 em mais 14% e que é fundamental para as áreas da cultura, social e do ensino da língua portuguesa, que as associações desenvolvem através do seu plano anual de atividades.



© Tiago Araújo

E no que respeita à Língua portuguesa, a rede do Ensino do Português no Estrangeiro (EPE) tem-se vindo a consolidar com o crescimento no número de professores, atingindo os 324 no ano letivo de 2022/23, mais 12 que em 2016/17, correspondendo às necessidades dos países.

Atualmente, estimam-se em 38.575 os alunos da rede oficial EPE, num aumento de 1.300 alunos em relação a 21/22. Na rede apoiada (Austrália, Canadá, EUA e Venezuela), em 2022 somámos cerca de 34.151 alunos, um aumento de perto de 3 mil alunos, tendo o principal aumento ocorrido na Venezuela. No total, a rede oficial e a rede apoiada soma perto de 72.726 alunos.

Na dimensão do incentivo ao investimento da Diáspora, realizou-se em dezembro último, em Fátima, a edição 2022 dos Encontros do Programa Nacional de Apoio ao Investimento da Diáspora (PNAID), sob o lema “Investimento da Diáspora, um investimento com marca. Estiveram reunidos mais de 750 participantes de mais de 35 países, com elevada participação de representantes do empreendedorismo e empresas da Diáspora. Já em junho, em Idanha-a-Nova, realizou-se o primeiro Fórum dos Gabinetes de Apoio aos Emigrantes e ao Investimento da Diáspora.

Sabendo que o potencial e o valor não se esgotam nos números, mas ajudando estes à caracterização, importa re-



© Tiago Araújo

ferir que, até agora, atribuímos 251 estatutos de investidor e lançámos programas de incentivo ao investimento e criação de emprego com discriminação positiva para a diáspora. Fortalecemos os mecanismos de apoio ao Investidor da Diáspora e criámos a Rede de Apoio ao Investidor da Diáspora (RAID) envolvendo mais de 300 entidades. Foram apoiados 125 projetos pelo GAID/RAID, que correspondem a perto de 123 milhões de euros de investimento potencial em Portugal, sobretudo no interior do país. O número de Gabinetes de Apoio aos Emigrantes duplicou em sete anos, contando-se hoje com 202.

As Comunidades Portuguesas espalhadas pelo mundo, têm vindo a reivindicar que Portugal precisa olhar com mais atenção para os problemas que os emigrantes atravessam e que, em certos casos, esses problemas se poderiam solucionar com mais organização e empenho do Estado. Quais as principais reivindicações que chegam junto da Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas no que diz respeito às dificuldades sentidas pelas comunidades portuguesas?

O Governo tem estado atento na procura de soluções que têm sido adequadas na mitigação das dificuldades que têm vindo a ser sinalizadas, indo ao encontro das necessidades das nossas comunidades. Das oportunidades de melhoria a que se tem vindo a corresponder, destaco dois pontos: o atendimento consular e o apoio social.

No que respeita ao atendimento consular, temos trabalhado em conjunto com os postos e outras áreas de ação governativa no sentido de melhorar os meios de atendimento com ganhos de eficiência, de tempo e comodidade para os nossos cidadãos, como abordei anteriormente.

No que respeita ao apoio social, temos estado atentos às dinâmicas e perfil das nossas comunidades, em particular as mais envelhecidas, em países que apresentam maiores desafios e onde, conjugando estes dois fatores, se assistem a maiores riscos de vulnerabilidade. A Venezuela é o país onde mais apoiamos as comunidades portuguesas, atenta a situação económica débil que o país atravessa. Entre 2017 e 2022, o total de despesa pública com os diferentes apoios concedidos naquele país ascendeu a 1.822.523,58 €. Também a África do Sul merece uma atenção especial nesta



© Tiago Araújo

matéria. Aquando da minha visita à nossa comunidade naquele país, no final de 2022, lancei as bases para se efetuar um mapeamento exaustivo das carências da comunidade portuguesa na África do Sul, face à degradação das condições de vida naquele país e acelerar do envelhecimento da comunidade.

O Presidente do Conselho das Comunidades Portuguesas, Flávio Martins, afirmou em entrevista à Descendências que continua em desacordo com o Governo em relação ao ensino do português no estrangeiro. Tendo a Língua Portuguesa um papel agregador e de coesão da nossa identidade,

sendo ela um fator de unidade nacional, em particular nas nossas comunidades espalhadas pelo mundo, o investimento do seu ensino no estrangeiro, em particular aos lusodescendentes não devia ser uma das principais missões do Governo e, em especial, da Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas, como aliás foi por si assumido no início do mandato?

O Ensino do Português no Estrangeiro é uma das nossas prioridades de atuação e o desafio passa por afirmar a Língua Portuguesa como língua de herança com futuro, como língua da cidadania, da diplomacia, da ciência, do conheci-



© Tiago Araújo

mento, da investigação e do saber, dos negócios e das artes. O reforço da promoção da Língua e Cultura Portuguesas é, neste contexto, imprescindível, quer consolidando o trabalho de reforço estratégico e a dinâmica de alargamento da rede de ensino no estrangeiro, quer reforçando a certificação da Língua portuguesa, apostando na transição digital do EPE.

E para encarar e superar estes desafios, é essencial que o corpo de professores, leitores e todos aqueles que contribuem para o ensino da Língua estejam motivados e empenhados. Para tal estamos a desenvolver esforços pela dignificação da carreira, com medidas que focam a sua valorização, em particular com a revisão do mecanismo de correção cambial e do regime jurídico do EPE.

A Língua Portuguesa é o forte elo que une a Lusofonia, uma riqueza coletiva e individual. O investimento na Língua Portuguesa beneficia todos nós, todos os que queremos ver

a importância de Portugal no mundo a crescer, com a língua e a cultura portuguesa a assumirem uma maior relevância no plano global.

O ano passado afirmou que “os Portugueses espalhados pelo mundo não se devem sentir ‘segundos Portugueses’, não se devem sentir marginalizados ou desprezados. Dito, isto é importante dar atenção a estes portugueses, para que a distância geográfica não seja também uma distância cultural e linguística?”

É importante que os portugueses se sintam portugueses por inteiro, independentemente de onde estiverem. O encurtar das distâncias com a nossa diáspora é um desiderato tão ambicioso como exigente, mas ao qual estamos empenhados em oferecer soluções. Dou um exemplo prático de uma medida concreta: a digitalização do EPE. Na prática,



© Tiago Araújo

trata-se de chegar a alunos em que não é possível considerar o ensino presencial atenta a dispersão geográfica e o número reduzido de alunos. Por via da digitalização, será possível assegurar que os alunos portugueses e lusodescendentes têm acesso à aprendizagem do português e da cultura portuguesa. Trata-se de um investimento de cerca de 17 milhões de euros.

De que forma a Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas tem procurado dar mais “voz” às comunidades portuguesas?

Tenho procurado estar próximo das nossas comunidades o máximo quanto possível, presencialmente. Desenvolvemos o Roteiro Portugal no Mundo, Caminho para a Valori-

zação das Comunidades Portuguesas, que enquadra a realização de visitas aos países da nossa Diáspora, colocando em evidência uma série de áreas que permitem reconhecer a importância dos portugueses na afirmação do nosso país no mundo, aproximando os portugueses residentes no estrangeiro do nosso país e, simultaneamente, contribuir para uma visão moderna da nossa diáspora, valorizando o seu papel na dimensão que dão a Portugal.

Este roteiro agrega oito áreas em que os portugueses no mundo se destacam, e onde se salientam as políticas para as comunidades portuguesas: a Cidadania ativa, Inclusão e igualdade, Empreendedorismo e inovação, Educação e Língua Portuguesa, Juventude e talento, Ciência e tecnologia, Cultura e criatividade e Modernização do Estado.

No âmbito desta iniciativa já estive com as nossas comuni-



© Tiago Araújo

dades em nove países: França, Reino Unido, Andorra, Suíça, Venezuela, Angola, EUA, África do Sul e Brasil.

As dificuldades acrescidas ao nível do funcionamento dos postos consulares, agravadas pela pandemia, foi outro dos pontos abordados por Flávio Martins, Presidente do Conselho das Comunidades Portuguesas. A abertura de 10 concursos para cargos de chefe de chancelaria e contabilidade e a possível contratação de até 133 funcionários são algumas das medidas já desenvolvidas com o objetivo de solucionar esta precariedade da rede consular?

O reforço dos recursos humanos nos postos consulares, a sua valorização, bem assim como a melhoria das condições materiais e tecnológicas continuarão a balizar a nossa

ação. E a adequação dos meios humanos às necessidades das nossas comunidades constitui o eixo central. Como referi anteriormente, entrarão em funções muito em breve 10 Chefes de Chancelaria e Contabilidade, cargos de chefia intermédia, contribuindo de forma relevante para aumentar a capacidade de resposta, mas também a gestão. Dando também seguimento à política deste Governo desde 2015, iremos brevemente avançar com a contratação de mais trabalhadores, esperando que, de forma expedita, mas sempre norteados pela sua qualidade, até 133 trabalhadores venham a reforçar a nossa rede externa. Temos claras as necessidades da Rede e os meios necessários para a reforçar, pelo que estas, e outras medidas, serão progressivamente implementadas em benefício de todos aqueles que delas necessitem.

Que outras medidas estão previstas para a rede consular e que se traduzirão numa melhoria dos serviços prestados aos cidadãos?

Permita-me, em primeiro lugar, que possa deixar expresso um agradecimento, louvando a dedicação à causa pública, o trabalho e o elevado profissionalismo dos nossos trabalhadores - diplomáticos e consulares - que procuram, todos os dias, promover o nosso país, a nossa economia e a nossa cultura, prestando um serviço público de qualidade.

Correspondendo a esta permanente disponibilidade, temos presente que a valorização dos nossos colaboradores é justa e necessária. No concreto, temos vindo a promover, progressivamente, um conjunto de mobilidades intercarreiras de trabalhadores dos Serviços Periféricos Externos, que se traduz numa alteração da sua carreira de origem para outra de grau de complexidade superior com uma valorização remuneratória associada. Paralelamente, e reconhecendo que as condições de vida nos países onde estamos presentes são distintas e sujeitas a alterações, que não encontram coincidência com as verificadas em Portugal, estamos empenhados em rever as condições remuneratórias aplicadas localmente. Neste processo temos vindo a manter contacto regular com os representantes destes nossos trabalhadores com o intuito de rever as tabelas remuneratórias atualmente em vigor.

Tal como antes referi, adicionalmente, em dezembro, e tendo em consideração a erosão salarial dos nossos trabalhadores no Brasil, foi publicada a portaria que procedeu à alteração dos valores da remuneração base dos trabalhadores dos Serviços Periféricos Externos nesse país, consubstanciando um aumento de 49%, com efeito retroativo a janeiro de 2022.

Estas medidas cumprem um objetivo que muito valorizamos. Reconhecer o excelente trabalho dos nossos colabo-

radores, criando melhores condições ao nível dos meios, mas também, porque se reveste de inteira justiça, de remuneração. Pretendemos promover as melhores condições para que se sintam reconhecidos e continuem na casa, mas também assegurar as condições para a contratação de trabalhadores com qualificações alargadas.

O voto eletrónico para as comunidades portuguesas era uma matéria aparentemente de consenso alargado entre os partidos e que criava entusiasmo nos eleitores portugueses residente no estrangeiro. Muito recentemente tomamos conhecimento que o PS deixou cair o voto eletrónico e a merecer fortes críticas por parte do PSD. O que mudou afinal, para esta nova posição por parte do PS?

Este é um assunto que diz respeito à Assembleia da República e aos senhores deputados.

Ao longo das décadas foram sendo registados picos migratórios, como o ocorrido entre 1969 e 1973. A procura por melhores condições de vida levava milhares de pessoas a encontrar no estrangeiro a única solução de futuro. Contudo, a emigração, como a víamos há 20 anos, mudou radicalmente. A nova emigração é abundante, variada e com percursos diversos. Estas alterações fazem com que a Secretaria de Estado tenha que enfrentar novos desafios?

O fenómeno da emigração tem tido mudanças e evoluções interessantes, nos destinos e no próprio perfil do emigrante. A emigração portuguesa concentra-se sobretudo na Europa, cifrando-se anualmente em valores distantes de outros tempos. Cerca de 60 mil portugueses emigraram em 2021. Temos de recuar a 2003 para encontrar igual valor. Nas décadas de 60/70 a emigração portuguesa foi alarmante, causando a desertificação do interior do país, o envelheci-





© Tiago Araújo

mento da população e quebra económica. Foi um Portugal que nos deixou.

O paradigma da emigração mudou, sendo importante ter em atenção os países onde permanecem comunidades portuguesas extensas, mas onde decaíram os fluxos migratórios, com o reforçar das políticas para manter as futuras gerações conectadas com Portugal e o enraizamento cultural, bem como com medidas para mitigar o envelhecimento acentuado dessas comunidades. Muitas delas atravessam fragilidades e necessitam de apoio do Estado Português.

A nova geração de emigrantes coloca desafios desde logo na reinvenção da manutenção da proximidade com os serviços do Estado Português através de ferramentas online adequadas, eficientes e que deem resposta num contexto imediato.

Nunca como hoje foi tão importante dar atenção a estas portuguesas e a estes portugueses encurtando a distância geográfica através da proximidade cultural e linguística. A promoção da língua, do associativismo e da comunicação social lusófona são apostas de todos os dias para o caminho que se quer trilhar.

As comunidades portuguesas no mundo são um dos mais importantes ativos estratégicos da política externa do Estado português e são a mais forte manifestação do Portugal global. Constituem a porta de entrada de Portugal no mundo globalizado e, simultaneamente, a introdução do mundo nos territórios locais e regionais. De que forma o trabalho desenvolvido por entidades e associações como é exemplo a Associação Internacional dos Lusodescendentes e a revista Descendências Magazine, que têm contacto privilegiado com um público abrangente, nomeadamente com as comunidades portuguesas, tem sido fundamental?

O papel do movimento associativo é fundamental. Como referem, as comunidades portuguesas são uma forte manifestação do Portugal global. O trabalho que o movimento associativo desenvolve nas mais diversas áreas, contribui para a manutenção dos laços da comunidade à portugalidade, seja através da cultura, da língua portuguesa, assim como nas atividades na área social, funcionando a solidariedade entre a comunidade como um elemento agregador. Os tempos que correm são um verdadeiro desafio para mui-



© Tiago Araújo

tas das associações, sendo por isso fundamental continuar a acarinhá-las e apoiá-las, de modo que se possam modernizar e desenvolver a capacidade de atrair os mais jovens, que garantam a sua continuidade e assim a divulgação da nossa cultura e língua. Este ano foram atribuídos apoios a 107 projetos de associações da nossa diáspora, num valor total de 788.726,27 €. Mas queremos apoiar mais, há mais 14% de verba disponível para apoios, num valor que ascende a 900.000 euros.

Importa ainda referir que está a ser também preparada uma proposta de alteração ao decreto-lei dos apoios ao associativismo, com alterações que visam agilizar os processos de candidatura, simplificando-os.

Que conclusões e dividendos políticos a favor de Portugal e das Comunidades Portuguesas retira do último Encontro PNAID que decorreu recentemente em Fátima? Estes encontros continuam a ser uma aposta ganha e a valer a pena investir?

Faço um balanço muito positivo desta iniciativa. Os Encontros do Programa Nacional de Apoio ao Investimento da Diáspora (PNAID), que decorreram de 15 a 17 de dezembro

em Fátima, agregaram, durante esses dias, as comunidades empreendedoras da nossa diáspora, em partilha próxima com empreendedores locais, associações empresariais, autarquias e muitos membros do governo.

Tratou-se de uma iniciativa de dimensão considerável. Por ali passaram 151 intervenientes ativos, oradores. E um conjunto de dinâmicas diversificadas e multidisciplinares que abrangem as várias facetas do investimento e do empreendedorismo. Durante os ENCONTROS PNAID 2022, Fátima foi, sem dúvida, o centro do empreendedorismo da Diáspora.

Firmou-se como uma ocasião para a criação de oportunidades de negócio, para o networking, para contactos, bem como para conhecer aquilo que o país tem para oferecer numa grande montra alargada direcionada para a atração de investimento. Através da apresentação de projetos, de apoios, de oportunidades, concursos de ideias e vários outros momentos foi possível observar com substância a relevância e a pertinência do PNAID. Com mais de 750 participantes, estivemos perante um dos maiores encontros de empresários da diáspora em Portugal

O PNAID congrega quinze áreas governativas sobre o desígnio comum de atrair investimento da diáspora e fazer das



© Tiago Araújo

nossas comunidades um fator de promoção e afirmação de Portugal, apoiando as exportações e a internacionalização das empresas, enquanto contribuímos para a coesão territorial e fixação de pessoas e negócios nos territórios do interior. Este programa governamental já se encontra em grau elevado de execução e os resultados alcançados até agora, evidenciam a sua importância estratégica para o país.

Os ENCONTROS PNAID são uma peça central neste programa e, como ficou bem demonstrado em Fátima, esta é uma aposta de futuro e na qual iremos continuar a investir.

Estima-se que vivam hoje no globo mais de 2 milhões de emigrantes portugueses, sendo que, se contarmos com os lusodescendentes, a população de origem portuguesa nos países de emigração rondará os 5 milhões – mais de 40% da população residente em território nacional. Que mensa-

gem gostaria de deixar a todos os nossos leitores, em especial, aos milhões de portugueses espalhados pelo mundo que encontraram noutro país uma nova janela de oportunidades?

Gostaria de aproveitar esta oportunidade para dizer às portuguesas e aos portugueses que compõem as nossas comunidades que Portugal é e sempre será o seu país. A nossa diáspora é uma extensão viva do que somos coletivamente, a nossa diáspora é Portugal. Sempre fomos um país que abraça o mundo de forma audaciosa, feito de pessoas corajosas que não tiveram medo de se colocarem em barcas, num mar imprevisível, para se fazerem ao desconhecido. Da mesma forma, muitos dos nossos conterrâneos embarcaram na aventura da descoberta de outros países, em busca de outras oportunidades. Tenho por todas e por todos muito respeito e muito orgulho.

CONSELHO DAS COMUNIDADES PORTUGUESAS

Tanto tempo para isto?



Desde 2019, com sua Resolução 01/2019, o CCP aguarda alteração à Lei 66-A que o regulamenta. Por essa Resolução, ratificada e acrescida pela Resolução 02/2022, apresentaram-se propostas acerca de temas fundamentais, notadamente na estruturação do CCP, de modo que possa funcionar plenamente.

Após diversas manifestações e diálogos com os Governos que se sucederam desde 2019, quando o SECP, Dr. José Luís Carneiro, afirmou concordar com 90% das propostas recebidas,

chegou-se a um consenso com a larga maioria dos Grupos Parlamentares na Assembleia da República, que o Partido Socialista apresentaria uma proposta a ser debatida no Parlamento, em diálogo com todos os GPs e com o CCP a fim de avançarmos na alteração de Lei e a consequente marcação de eleição tão esparada; isso em 2020.

Em novembro passado foi dito publicamente em reunião da Segunda Comissão da AR que tanto o PS como também o PSD avançariam com propostas de alteração para que isso fosse

apreciado, aprovado e promulgado antes do recesso parlamentar de julho de 2023. E, finalmente, são conhecidas as propostas a do PSD e a do PS, que irão ao Plenário da AR no dia 03 de março para a generalidade.

Parece que haverá mesmo um aumento para 90 conselheiros, conforme previsto em ambas as propostas (PS e PSD). Mas, após uma leitura inicial do Projeto do PS, parece ocorrer uma quebra de paradigmas exaustiva e constantemente apresentados pelos Governos desde 2019. Importante trazer à luz o necessário reconhecimento, a valorização, do munus público do CCP como órgão (consultivo) representativo da Diáspora e as suas legitimação e autonomia enquanto projeto civilista, com uma filosofia assente no diálogo entre pares: Governo e Comunidades.

Há, infelizmente, lacunas na proposta do PS, que poderia ter avançado mais como, por exemplo: 1) Consultas, não vinculativas, devem ser obrigatórias em temas estruturantes indispensáveis a prolongar Portugal junto a portugueses/as no estrangeiro; não à vontade do responsável pela tutela, mas em matérias aplicáveis às Comunidades e previstas na própria lei. 2) o plenário a meio de mandato, durante o qual poderiam ser realizadas eleições e reuniões das diversas estruturas do CCP; 3) Dotar o CCP de um Gabinete (Serviços de Apoio) com assessorias técnicas e recursos a elaboração de estudos e pareceres e uma mais efetiva

coordenação interna e externa das atividades do órgão; e 4) o tão aguardado piloto do voto eletrónico descentralizado/remoto, defendido pelo próprio Governo até então.

E há duas propostas no Projeto do PS que, preliminarmente, terão a posição contrária do CCP: 1) a limitação de mandatos (art. 8º, 5), que nunca foi objeto de discussão e confunde o exercício autarca ou do executivo local, com uma função de aconselhamento de quem lida pelas Comunidades e nem tem qualquer poder. Qual seria a justificativa para isto? 2) A redação proposta ao artigo 39-A, 6, e, f que prevê atribuições de funcionários de Governos ou mesmo de Estado atribuindo-as ao CCP, o que extrapola novamente a natureza jurídica deste mero órgão de aconselhamento e de seus integrantes.

Assim, e reconhecendo a competência da A.R., o CCP endereçou uma Nota Pública aos Grupos Parlamentares e à Segunda Comissão da Assembleia da República para que seja atempadamente auscultado, pois quer participar, colaborar, com o diálogo e com a defesa de suas propostas contidas nas referidas Resoluções 01/2019 e 02/2022.

Que, na ponderação de propostas e contrapropostas, o consenso alargado prevaleça entre todos os Grupos Parlamentares com a devida audição a este órgão que não deixará de contribuir para esse processo democrático pois já se foi muito tempo para apenas avançarmos um metro apenas.



Flávio Martins

Presidente do Conselho das Comunidades Portuguesas



© História Social de Angola

HISTÓRIA SOCIAL DE ANGOLA

Victor Amorim Guerra

Victor Manuel Sousa Amorim Guerra, nascido em Benguela, escritor, dramaturgo e cronista, participou em várias antologias de contos em Portugal, França e Chile. Em 2012 venceu o prémio revelação da Sonangol/União de Escritores Angolanos com o livro “Contos do Céu e da Terra”, com o pseudónimo Manuel Guerra. Em 2013 escreveu a peça de teatro “Cinderela de Luanda”, apresentada ao público pela Companhia Henrique Artes.

O Victor foi indicado pela Muki Produções, empresa responsável pela parte audiovisual dos depoimentos do HSA. Durante a transcrição percebemos algumas das particularidades sociais deste cidadão, a sua memória retrata o sentimento dos angolanos no processo de repatriamento semi forçado dos portugueses no período do governo de transição para a independência de Angola, expressa na negação de “não retornado”, pois nunca estivera em Portugal e por isso se sentia quase turista em Portugal.

Este depoimento retrata dimensões sociais da integração de angolanos chamados brancos em Angola e negros em Portugal, onde se evidencia a preservação do laço afectivo a sua pátria também preservada pelas férias periódicas em Angola durante o período que a família reside em Portugal até o regresso a Angola. Quantos e quais foram os angolanos envolvidos neste processo de retornados, como se integraram na diáspora, sobre quais condições regressaram a Angola, em que condições se integraram e qual o seu contributo à construção do novo tecido social do país Angola. Esta memória pode ser o início destas respostas, as memórias de uma criança de cinco anos a data da independência descrevem o período pós independência.

Este depoimento não contém memória do período anterior. Embora a primeira parte deste texto seja a transcrição do audiovisual, a sua organização obedece a sequência da apresentação dos depoimentos do HSA entre as quais a sequência cronológica e a organização de acordo às necessidades primárias dos seres humanos enquanto método de descrição do desenvolvimento social.

Introdução

Sou o Victor Manuel Sousa Amorim Guerra, nasci em Benguela a 8 de Novembro de 1970, a verdade é que eu comecei a estudar em Portugal porque quando tinha cinco anos era para começar a estudar numa escola angolana, começaram aos tiros uns com os outros e fomos para Portugal e fomos recebidos como retornados, sempre me achei mais um turista em Portugal do que retornado, não estava a retornar para lado nenhum, tinha nascido em Benguela de onde nunca tinha saído, mas em poucos anos a família começou a preparar o regresso à Angola e viemos para aqui onde eu fiz o meu curso superior de Ciências e Comunicação na Universidade Independente e a minha profissão neste momento é escritor dramaturgo.





© História Social de Angola

Escrita e dramaturgia sobre Angola para a Juventude

Escrevo para angolanos, sobre Angola, sobre as províncias, sobre as diversas personagens simpáticas do nosso país e outros nem tantos... e quando escrevo tento sempre incorporar as histórias que nós todos vivemos, a maka da água, a maka da luz, a maka do táxi, a maka da escola, vamos incorporando, por exemplo quando escrevo e a ação passa-se em Malange tento escrever para os problemas mais localizados em Malange, quando é o Uíge, estou no Uíge, para que todos os angolanos possam conhecer as províncias e os seus cidadãos.

Ganhei o prémio da União de Escritores de Angola em 2012 e comecei a participar em concursos de literatura internacionais como Portugal, Chile e França, o que deu um grande problema, porque traduzir um texto que se passa no Namibe para francês, porque há aquelas expressões que são típicas e se não se escreve como o povo fala, não está a ser verdadeiro,

passamos quase um ano até eles elaborarem uma tradução que eu aceitasse que fosse digna e depois comecei a escrever para revistas, mas não escrevo política e nem desporto, só escrevo literatura e poesia, não me agrada temas que não domino e acho que todos nós deveríamos escrever sobre coisa que conhecemos. Estes últimos trinta e cinco anos de Luanda já nem sei se sou mais de Benguela ou mais de Luanda, as visitas que fiz às províncias e conheci tanta gente diferente, mas que falava da sua cultura, dos seus hábitos.

Nós os colegas escritores como o José Luís Mendonça, o Ondjaki, o Burity da Silva, estamos a tentar escrever com dignidade, não fugindo, não contando mentiras, mas não agravando as verdades, não sei se foi a melhor maneira de pôr esta ética profissional, porque às vezes nós vemos contos que nos surpreende porque o “problema já estamos com ele”, já há fome, já há violações, já há tudo e vem um escritor que tem a hipótese de embelezar, não o faz, ainda cria mais drama, mais perseguição e mais diferença entre as pessoas.



História Social de Angola

A força de um amor

*Não há nada nesta vida
Mais grande que o amor
Se Deus é tão grande
O amor ainda é maior
Maior que o mar e o Céu
Mas, entre todo esse amor
O meu ainda é maior*

*Amor tão grande
É aquele que é meu
Ele é a chave
Que abre-me o Céu
Amor tão grande
É aquele que me quer
Ai se o perder
A morte já chegou*

*Ó força de amor
Que me a abriu a minha asa em flor
Deixa-me ir alcançar o Céu
Para ir ver meu Deus
Para lhe pedir a semente
De amor como esse meu
Para dar a toda a gente
Para que todos conheçam o Céu*

Eugénio de Paula Tavares

| A R T E S E A R T I S T A S L U S O S

Regina Pessoa

[Facebook](#)

[Instagram](#)



Em 1992 começou a trabalhar em animação como animadora nos filmes “Os Salteadores”, “Fado Lusitano” e “Clandestino” do realizador Abi Feijó. Em 1996 iniciou os seus próprios projetos e a realizar os seus filmes de animação: “A Noite” (1999), “História Trágica com Final Feliz” (2005), “Kali o Pequeno Vampiro” (2012) e “Tio Tomás a Contabilidade dos Dias” (2019).

Os filmes obtiveram um grande reconhecimento Internacional, com cerca de centena e meia de Prémios nos principais festivais e eventos mundiais (Annecy, Annie Awards, Hiroshima, nomeações para o Cartoon D’Or, nomeação para Prémio do Cinema Europeu, presenças nas Shortlist dos Óscares, etc...).

Todos eles fazem hoje parte da lista de filmes do Plano Nacional de Cinema e são estudados por crianças e jovens das escolas Portuguesas.

Quando e como se deu a ligação ao cinema de animação?

Comecei a trabalhar em Animação por acaso, a minha formação é de Pintura: estava a estudar na Faculdade de Belas-Artes do Porto, precisava de arranjar um part-time para ajudar a pagar os meus estudos, conheci algumas pessoas que trabalhavam no único estúdio de animação do Porto da altura, que viram os meus desenhos, gostaram e perguntaram: “porque não vais ao estúdio, mostras os teus desenhos... nós estamos a começar uma nova curta de animação, precisamos de pessoas para trabalhar...” Eu fui, mostrei os meus desenhos ao diretor do estúdio, o Abi Feijó, ele gostou e disse: “começas amanhã. »

No início e durante alguns anos trabalhei nos filmes de outras pessoas, nomeadamente do realizador Abi Feijó e mais tarde ele deu-me a oportunidade de eu poder desenvolver as minhas próprias ideias. No início senti bastantes dificuldade, vinha de Belas-Artes e a minha formação era visual e não literária, não tinha o hábito de escrever histórias.

Usa as suas memórias e experiências nos seus filmes como inspiração. Considera que é a força dessa verdade e dessa personalidade que levaram ao prestígio e sucesso alcançados?

Realizei 4 filmes, “A Noite”, “História Trágica com Final Feliz”, “Kali o Pequeno Vampiro” e “Tio Tomás a Contabilidade dos Dias ». Embora seja uma filmografia curta, os meus filmes tornaram-se referências na história do cinema de Animação Internacional... talvez pelos temas que abordo, talvez pelas técnicas que uso, talvez por haver uma coerência entre eles como fazendo parte de uma mesma obra que vou construindo... não sei muito bem a resposta mas tenho uma teoria sobre isso: a partir do meu primeiro filme aprendi que era possível utilizar nos seus argumentos as minhas memórias e vivências pessoais, abordando temas bastante banais e comuns a todas as sociedades - a Solidão, o Medo, a Diferença, etc.

Desenvolveu técnicas próprias (embora não tenha feito formação de animação) que são no fundo a sua assinatura visual dos seus filmes.

Como foi esse processo e que técnicas são essas?

Precisamente por não ter estudado animação não tive uma certa “formatação” que essa formação traz, o que me permitiu inventar as minhas próprias técnicas. Quando terminei o story-board do meu primeiro filme “A Noite” vi que tinha à minha frente um conjunto muito coerente de desenhos de determinada cor, com uma textura e com um jogo de luz e sombra muito interessantes, criando no

seu conjunto um ambiente bastante forte. Desenvolvi a minha pesquisa pessoal sobre gravura em placas de gesso, tentei vários métodos com diferentes materiais e diversas tintas e ferramentas. Após várias tentativas, muitas delas frustrantes, eu finalmente consegui resultados interessantes que não só respeitavam os meus desenhos, aumentando o seu potencial de textura, luz e sombra, como também enalteciam o drama e a poesia do filme. Era esse o ambiente que eu estava à procura.



© Rene Volfik



Estava assim encontrada a técnica e fazia sentido: para uma história sobre o medo da noite, parecia coerente usar tinta escura sobre gesso branco, raspando a superfície negra para revelar a luz.

Gostei muito do resultado visual e nos meus filmes seguintes continuei a explorar e desenvolver técnicas de Gravura Animada, usando meios e suportes diferentes à medida que a tecnologia foi evoluindo

O cinema de animação independente continua muito desconhecido do público português. A que se deve esta realidade?

Toda a minha vida tem sido lutar por esse reconhecimento, com paciência, perseverança e estratégia: conheço o meu país, sei que se tivesse ficado apenas por cá à espera que reconhecessem o meu trabalho provavelmente isso nunca iria acontecer. Assim, sabia que tinha procurar trazer de fora o reconhecimento para que aqui em Portugal comessem a ver o meu trabalho de outro ângulo, é assim que funciona ainda hoje. É um longo percurso de insistência mas penso que se pode ver a diferença de quando comecei e de agora no reconhecimento público português.

Como surgiu a ideia do 'Tio Tomás, A Contabilidade dos Dias'?

Desde que o meu Tio Tomás morreu em 2005 que eu tinha essa intenção de fazer um filme sobre meu ele, com quem comecei a desenhar quando era pequena nas paredes de sua casa.

A minha motivação era prestar homenagem ao meu tio, que foi um homem simples e excêntrico, com uma vida anónima, não era casado, não tinha filhos, não era importante para ninguém.

Mas ele era importante para mim e era um homem bom. E com este filme eu queria que as pessoas o vissem como eu o via, que o admirassem e respeitassem, queria mostrar que não é necessário fazer nada de extraordinário para se ser excepcional na vida de alguém.

O 'Tio Tomás' foi uma coprodução que envolveu 3 países: Portugal, Canadá e França. Quais são os principais motivos e benefícios das coproduções?

São várias as vantagens de fazer co-produções:

Em primeiro lugar aprende-se IMENSO com a troca de experiências de trabalhar com outros países, com outras equipas, com outros métodos, seria infindável enumerar o quanto eu aprendi e cresci como artista. O orçamento do filme fica significativamente mais reforçado, isso permite ser-se mais ambicioso nos objectivos ar-



tísticos a alcançar que de outra forma seriam impossíveis.

As responsabilidades são partilhadas, sentimos que não estamos sós no projecto, partilham-se etapas de produção do filme em cada país envolvido, segundo a melhor expertise de cada um, partilham-se, conhecimento, estratégias, partilham-se equipas e meios. Eu trabalho com curtas metragens e sei bem como a vida de uma curta... é curta. Tendo outros países envolvidos no filme, temos a certeza que o vão assumir como “seu” também, se vão esforçar por o distribuir, divulgar, mostrar. Ter 3 países envolvidos na produção de um filme é multiplicar as suas chances, o seu espectro de acção, o seu período de longevidade.

Qual foi a sensação de estar na shortlist para os Óscares na categoria de Melhor Curta-Metragem de Animação?

São já duas vezes que filmes meus estão na Shortlist dos Oscars, a “História Trágica com Final Feliz” em

2007 e o “Tío Tomás a Contabilidade dos Dias” em 2020. A sensação de ter um filme na shortlist e este depois não ser nomeado sobretudo quando estão entre os favoritos é uma sensação agri-doce... por um lado a alegria de “ter chegado até aqui”, por outro lado a frustração de “não ter chegado lá”. Mas não me posso queixar de barriga cheia, estou muito feliz com essas presenças.

E como foi receber o Annie?

Receber o Annie Award foi uma BOA Surpresa... aconteceu apenas uns dias depois da saber que o “Tío Tomás a Contabilidade dos Dias” não tinha passado às nomeações aos Oscars, eu estava portanto “sem fé nenhuma” e considerei mesmo não ir à Cerimónia. Depois lá decidi ir e parti para Los Angeles “leve”, sem expectativa de qualquer prémio. Assim, foi de facto uma Boa Surpresa quando o nome do meu filme foi anunciado, demorei uma fracção de segundo a reagir e lá fui, “leve” também para o palco!



© Harry Cleven

Como vê o futuro do cinema de animação em Portugal.

Portugal é um país pequeno, não tem um mercado de Cinema de Animação, que são as séries e longas metragens que constituem os produtos da Indústria de Animação.

O que temos é uma boa comunidade na Animação de autor, que a cada geração tem contribuído para o apuramento, reconhecimento e afirmação de um cinema de Animação de assinatura portuguesa.

Mas tudo depende de como a tutela - ICA e Ministério da Cultura - atuarem nos próximos anos: até agora os incentivos do ICA

têm sido essenciais para a afirmação e progresso da Animação Portuguesa e agora que começamos a ver resultados cada vez mais encorajadores, esses incentivos serão mais importantes que nunca para que esse potencial Mercado se possa desenvolver.

Sabemos que já comprou a guitarra elétrica. Já começou as aulas?

Esse ainda é um projeto sem realização... mas ainda tenho Esperança!!!

Ao longo da vida aprendi também que não se devem realizar todos os sonhos de uma vez, é bom deixar alguns a marinar para a vida ter sempre algo a esperar ;-)



Terry Costa

Presidente/Diretor-Artístico, MiratecArts

OBSERVANDO

A demografia da emigração portuguesa

O Observatório tem vindo a recolher dados sobre a estrutura demográfica dos fluxos e stocks da emigração portuguesa. Embora esses dados apenas estejam disponíveis para um número reduzido de países, estes são o destino de mais de 70% daquela emigração. O que já permite, portanto, fazer um retrato razoável da demografia da emigração portuguesa.

Globalmente, nos fluxos de saída, observa-se que há uma maioria de homens (mais de 60%) e um predomínio claro de ativos jovens (quase 70% tem entre 15 e 39 anos). Comparando os principais fluxos de saída por país de destino, são visíveis grandes variações. Por exemplo, mais de 85% das novas entradas de portugueses no Brasil são de homens, percentagem que baixa para 52% no caso do fluxo para França. Por outro lado, há 79% de ativos jovens (15-39 anos) no fluxo para os Países Baixos e apenas 53% no fluxo para Itália.

Independentemente das variações nacionais, sublinhe-se o grande peso dos ativos jovens na emigração portuguesa. Ou seja, a emigração é seletiva e continua a contribuir para a redução do número de jovens em idade ativa: mais de um terço dos nascidos em Portugal com idades entre os 15 e os 39 anos vivem no exterior. Entre estes estão muitas mulheres jovens em idade fértil. Consequentemente, os nascimentos no estrangeiro de mães portuguesas representarão hoje cerca de um quinto dos nascimentos em

Portugal. A emigração amplia, pois, dinâmicas demográficas recessivas em Portugal só parcialmente compensadas pela imigração.

Analisando os dados relativos aos stocks, isto é, às populações portuguesas residentes nos países de destino, observa-se um maior equilíbrio global na relação entre sexos (51% de homens, 49% de mulheres). Porém, também neste caso a variação nacional é significativa: 40% dos portugueses a residir na Noruega são mulheres, percentagem que sobe para 53% no caso dos residentes no Reino Unido.

Em termos etários é possível distinguir três tipos de países de destino:

- países com populações muito envelhecidas e em diminuição (entre outros, Brasil, Canadá, EUA e Austrália);
- países com populações em envelhecimento e em estagnação ou diminuição (como a Alemanha, Espanha, França e Suíça);
- países com populações jovens e em crescimento (caso dos anglo-saxónicos e nórdicos).

Nos destinos os efeitos da emigração são simétricos dos observados na origem. A sua diminuição está associada a envelhecimento da população emigrante nos destinos mais antigos, enquanto o seu aumento, para os novos destinos, contribui para a constituição de populações jovens e em plena expansão.

 **Observatório
da Emigração**

Rui Pena Pires e Inês Vidigal
Observatório da Emigração, CIES-Iscte,
Instituto Universitário de Lisboa

| TEIMOSIA CRÔNICA

Depressões

Por aqui, o cinzento desprende-se, vagaroso, das nuvens baixas. Andamos pardacentos, cabisbaixos. Deprimidos. Sabem o que é uma depressão? É um centro de baixas pressões, também conhecido por ciclone. A instabilidade do ar produz ventos ascendentes, que contribuem para a formação de nuvens na vertical, originando fortes chuvadas e aguaceiros. As baixas pressões produzem a instabilidade, a ascensão, a leveza do ar, ao passo que, nas altas pressões, o ar afunda-se, aquecendo e ficando mais estável, formando uma espécie de tampão que tranquiliza a atmosfera envolvente, como um abraço caloroso.

A leveza e a ascensão produzem a instabilidade e o mau tempo. Talvez seja por isso que os sonhadores, aqueles que andam nas nuvens, sejam mais vulneráveis às depressões, ao passo que quem tem os pés assentes na terra não sofra tanto com os desvarios da alma. Será que a nossa cabeça funciona como o ar que a envolve? Não sei, mas não deixa de ser curioso: a nós, quando a pressão é grande, salta-nos a tampa e gera-se a instabilidade, ao passo que, tantas vezes, ansiamos por aliviar a pressão e deixar-nos levitar, para assim encontrar a idílica paz de espírito, ou seja, a estabilidade. Exatamente o oposto das condições atmosféricas, já repararam?

Por outro lado, se calhar até podemos encontrar paralelismos: na depressão (clínica) teríamos uma espécie de ausência do espírito, em que os pensamentos se espalhavam no ar; se perdiam, sem rumo; nos voavam da cabeça como aves distraídas. Andar nas nuvens mais não seria do que essa impossibilidade de contenção e consciencialização do pensamento. Como se sofrêssemos de alguma incapacidade de nos centrar, de manter sólida a estrutura mental, afinal o alicerce principal da personalidade e estabilidade psíquicas. Como se essa estrutura, em lugar de sólida, fosse líquida ou gasosa; sublimada em sonhos, devaneios, e assim nos sentíssemos perdidos, sem eira nem beira, varridos e espalhados ao vento. A tristeza, sintoma central da depressão, talvez se pudesse traduzir pela impossibilidade de nos sentirmos inteiros, de nos reunirmos num corpo coerente e lógico, o que também contribuiria para os sintomas de despersonalização e desrealização (ter a sensação de que o mundo à nossa volta não existe, ou de que não lhe pertencemos, como se sonhássemos) presentes nas depressões.

Até pode ser. Mas eu cá, não troco por nada, aquela sensação de andar nas nuvens.



Gabriela Ruivo
Escritora

LÍDERES & EMPRESÁRIAS

Patrícia Cunha

ImpactPlan. Colorir Portugal e o mundo



Patrícia Cunha, filha de empresários, natural de Águeda, em Portugal, é uma mulher que encanta com a sua simpatia, humildade e criatividade colorida, iluminando o dia-a-dia das cidades e dos seus habitantes com o seu toque artístico através do trabalho mais conhecido « Umbrella Sky », os guarda-chuvas, presentes todos os anos nomeadamente no evento cultural AgitÁgueda! Trabalho reconhecido internacionalmente em 2011 pela CNN Travel valorizando uma das ruas

da cidade de Águeda, considerada das mais bonitas do mundo!

A equipa dinâmica e criativa da agência ImpactPlan espalha cores e magia em várias cidades do mundo levando as pessoas a sonharem, o que levou a receber diversos prémios. Recentemente obteve o prémio de Best Designers of the World. Uma aventura colorida incrível partindo da cidade encantadora de Águeda para chegar ao mundo inteiro com propósito e impacto social!



Como surgiu a ideia dos guarda-chuvas tão conhecido agora em qualquer canto do mundo?

Este projeto surgiu no âmbito de trabalhos que estávamos a desenvolver com a Câmara Municipal de Águeda precisamente para atrair pessoas no comércio local, sentia-se muita desertificação das ruas, não compravam e daí fizemos uma série de iniciativas para atrair pessoas nas ruas e para ajudar os comerciantes locais. Os guarda-chuvas coloridos é o trabalho mais conhecido pelo público hoje em dia, que surgiu nessa altura, « Umbrella Sky », pensámos em fazer uma decoração na rua e queríamos criar sombra na parte de decoração para os meses de verão, aí, surgiu a ideia dos guarda-chuvas, foi um « boom » destas instalações coloridas, temos usado sempre o mesmo conceito, colorir a cidade porque faz um contraste muito grande com o cinzento que nos habituamos no dia-a-dia principalmente para quem mora nas cidades. Tem um impacto muito positivo nas pessoas quando vêem as cores, aquele cenário um pouco inusitado, dá fotos bonitas, as pessoas gostam de partilhar nas redes sociais, criar esses álbuns de memórias, desde então a nossa empresa foi-se desenvolvendo muito com o mercado francês, efetivamente, trabalhamos 70% para a França porque os franceses apreciam a Arte. Fizemos os primeiros trabalhos em Toulouse, estivemos em Normandie, Calais, Pa-

ris, Bourges, Millau, Laon, Saint-Nazaire, Libourne, Haute-Garonne, Sanary-sur-Mer, Romans-sur-Isère, Tours, Carcassonne, Bordeaux, Metz, Avignon, Poitiers, Lens, Pontivy, trabalhamos para as entidades privadas e com as associações comerciais. Fizemos trabalhos para os centros comerciais para impulsionar impacto na comunicação social, aquela partilha que as pessoas geram nas fotos nas redes sociais acaba sempre por impulsionar a economia local. Além da França, também estamos em Portugal, Beja, Estarreja, Anadia, Ovar, Aveiro, Coimbra, Vila Nova Foz de Côa, Algarve, Setúbal, Viseu, Zambujeira do Mar, e outros países, em Manama, Miami, Flórida, Espanha, Londres, Estocolmo, Pittsburgh, Noruega, Luxemburgo, Japão, é sempre uma alegria ver as fotos partilhadas no mundo inteiro com esse impacto positivo.

A ImpactPlan vende vários produtos originais e lindíssimos com uma determinada finalidade? É importante que a empresa tenha um impacto social, económico e ambiental?

Sem dúvida, cada vez mais queremos ser sustentável, desde da poupança energética até a reutilização dos materiais até aos resíduos e tentar transformar tudo isso em obras. Apesar de usarmos algum plástico, somos uma empresa pequena e não chegamos a grandes volumes, tentamos transformá-lo em instalações diferentes, usamos o mesmo



material mas damos uma nova vida, reciclamos ou entregamos às associações, às escolas, por exemplo, os guarda-chuvas são muito versáteis porque temos tido algumas cidades que aproveitam os tecidos transformando-nos junto com associações em sacos de compra para depois venderem e ajudarem as associações.

Vendemos alguns produtos que se encontram no nosso site como t-shirts, canetas, meias, sapatilhas, cadernos, lancheiras, lápis, floreiras, mobiliário de jardim, interior e exterior em forma de guarda-chuva com ou sem bangala, posters, Tote Bag « Je suis Art », inicialmente criámos esses produtos para os turistas da cidade de Águeda porque sentimos a necessidade de ter alguma oferta para eles, para terem « souvenirs » mas recentemente criámos um projeto social nomeado « Vamos Colorir Portugal » e todos os produtos ligados ao projeto « Umbrella Sky » uma parte do valor reverte para fazer projetos coloridos para dar vida para dentro das associações de solidariedade social. Fizemos um projeto num lar de idosos, em Gafanha do Carmo, na altura da Covid e como não podiam sair, resol-

vemos levar cores daqui para lá com a dupla função de lhes criar uma sombra bonita para eles fazerem lanchezinhos debaixo dos guarda-chuvas. Recriámos as ruas de Águeda no pátio do centro. Os nossos idosos ficaram felizes porque trazemos vida com as cores e podem desfrutar dos seus lanches à sombra.

Outro projeto social que organizámos foi o do Dia do Sorriso em que fotografávamos pessoas com os seus mais lindos sorrisos na rua e o valor que obtivemos foi para AFECTU (Associação de Felinos e Caninos Todos Unidos), que recolhe e trata muito dos animais abandonados de Aveiro. Queremos continuar a levar para frente novos projetos.

As instituições que querem dinamizar um espaço ou precisam de uma obra específica dentro da instituição, contactem-nos e selecionamos alguns projetos internamente, vamos reunindo fundos monetários para os levar a cabo, ImpactPlan entra com alguma parte e as pessoas ao comprar os nossos produtos estão a apoiar de certa forma os projetos e nós também apoiamos quer com trabalho voluntário, quer com materiais.



Devido ao seu trabalho, viaja bastante, como lida com as mudanças e quanto tempo demora a implementação das obras?

Falar varias línguas facilita a comunicação com as pessoas, é ótimo ter o contacto e observar a vida nas outras cidades, para a criatividade é fantástico! Observar outra realidade é sempre enriquecedor, em França as pessoas manifestam-se sempre e são muito simpáticas. Gostam muito do nosso trabalho, fico feliz.

A implementação depende da dimensão do trabalho, mas pode levar até 8 a 10 dias, não queremos demorar muito tempo na rua e a nossa equipa está habituada a realizar a montagem rapidamente. Para o trabalho no Bahrein demorou cerca de 10 dias mas tínhamos uma equipa de 20 pessoas.

A Arte pode mudar o mundo, tem um impacto diferente?

Devemos trabalhar com propósito e estamos todos alinhados em fazer as pessoas felizes e dar vida às cidades,

trabalhamos essencialmente para isso. Somos uma equipa de 15 pessoas empenhadas e acreditamos que a criatividade pode mudar o mundo. Além do projeto « Umbrella Sky » temos o « Tropicália », « Bubble Sky » « Color Rain », a cor é relacionada com o bom-humor, impacta também na saúde mental.

Quais são os conselhos que daria a jovens empreendedoras?

As pessoas têm quer ser resilientes e persistentes. Há muitas ferramentas agora para ter ideias e como fazê-las, é uma questão sobretudo de vontade e persistência. Não desistir perante as dificuldades.

Que mensagem deixaria à comunidade lusófona ?

É uma comunidade espalhada pelo mundo que acrescenta muito porque somos um povo muito criativo e trabalhador, trazendo novidades.

É sempre um gosto em encontrar e falar com os portugueses porque têm uma empatia muito especial.



Sylvie das Dores Bayart
Empresária Dijon

AMBIENTE

Uma floresta é mais que um aglomerado de árvores

A criação de uma floresta vai muito além da importante e necessária plantação de árvores. Logo, um conjunto de árvores não é necessariamente uma floresta. O simples acto de plantar árvores encerra em si vários objectivos distintos. Nós, humanos, plantamos árvores para colmatar as necessidades de madeira, frutos, óleo, borracha ou de outros produtos; para decorar e sombrear os nossos jardins, parques, quintais e avenidas; para bloquear a força do vento, para deter a erosão ou para sequestrar o carbono. O fim a que se destina a plantação determina a escolha das espécies e a forma como essas ár-



vores serão distribuídas pelos espaços. Tomemos como exemplo uma plantação para produção de madeira – à distância, pode parecer uma floresta natural, todavia, se observarmos mais de perto, podemos ver um padrão uniforme, composto por árvores de crescimento rápido, de tronco recto e plantadas à mesma distância entre si. De igual modo, se o objectivo passa pelo sequestro de carbono, podemos optar por espécies de crescimento rápido para obtermos o melhor resultado no menor espaço temporal.

Mas, existe algum problema em plantar árvores em vez de plantar florestas? Não, de todo, dependendo do fim a que se destina. Todavia, devemos privilegiar a plan-

tação de florestas. A explicação, apesar da grande complexidade dos processos, é muito simples: nas florestas, ocorrem interacções que não se encontram ao alcance da nossa vista, mas que impulsionam o desenvolvimento dos processos ecológicos que valorizamos. A “vida” da floresta vai muito para além daquilo que vemos. No solo, debaixo dos nossos pés, existe uma infinidade de redes subterrâneas de fungos que formam relações mutuamente benéficas e conectam as árvores umas às outras, permitindo-lhes que se comuniquem e partilhem nutrientes.

Grosso modo, uma floresta natural é composta por uma comunidade de organismos que coexistem e interagem



– árvores, arbustos, mamíferos, aves, musgos, fungos, bactérias, insetos e outros microrganismos – que dependem uns dos outros para se alimentarem, para obterem abrigo e outros ingredientes necessários à sua existência. Estas interações entre as várias espécies fortalecem a resiliência do ecossistema como um todo.

Por exemplo, a presença de fungos permite às plantas a transferência de carbono para o solo, onde pode ser ar-

mazenado por centenas ou até milhares de anos. Por outro lado, esses fungos também contribuem para a melhoria da estrutura e da consistência do solo, tornando-o mais esponjoso e com maior capacidade de absorção da água da chuva, parte da qual se infiltra naquele, contribuindo desse modo para o reabastecimento dos aquíferos. Como sabemos, um solo vivo rico em matéria orgânica é fundamental para a capacidade da floresta mitigar a ocorrência



de cheias e secas. Mas esse tipo de relações vitais ocorre apenas quando as plantas podem crescer e prosperar numa comunidade natural. Quando plantamos árvores individuais ou em regime de monocultura, perdemos muitos dos benefícios que provêm dessas redes de interdependência. As florestas, quando comparadas com as monoculturas, são mais estáveis e mais resistentes relativamente às agressões externas provocadas pelos fogos, cheias e outros agentes destruidores.

Para criar uma floresta ecologicamente equilibrada, além da plantação de árvores, é necessário fazer-se uma selecção criteriosa e adequada das espécies a plantar; uma boa preparação do solo e a criação de condições propícias para um

bom desenvolvimento das plantas e animais que interagem, em simbiose, no ecossistema florestal, o qual deve ser o mais funcional e saudável possível.

As florestas ajudam a manter a água e o ar limpos, fornecem habitat para os animais e funcionam como sumidouros de carbono. Em sentido inverso, o desmatamento contribui, consideravelmente, para as emissões de gases com efeito estufa.

A restauração de ecossistemas estáveis na sua plenitude poderá levar centenas de anos, daí a premente necessidade de se manterem os existentes. Para restaurar um ecossistema, a opção deverá recair sobre espécies nativas, pois estão mais adaptadas ao clima e necessitam de menos cuidados.



Vítor Afonso
Mestre em TIC

in PORTUGUESE
TRANSLATION

6th SESSION

THE BOOK OF CHAMELEONS

by José Eduardo Agualusa

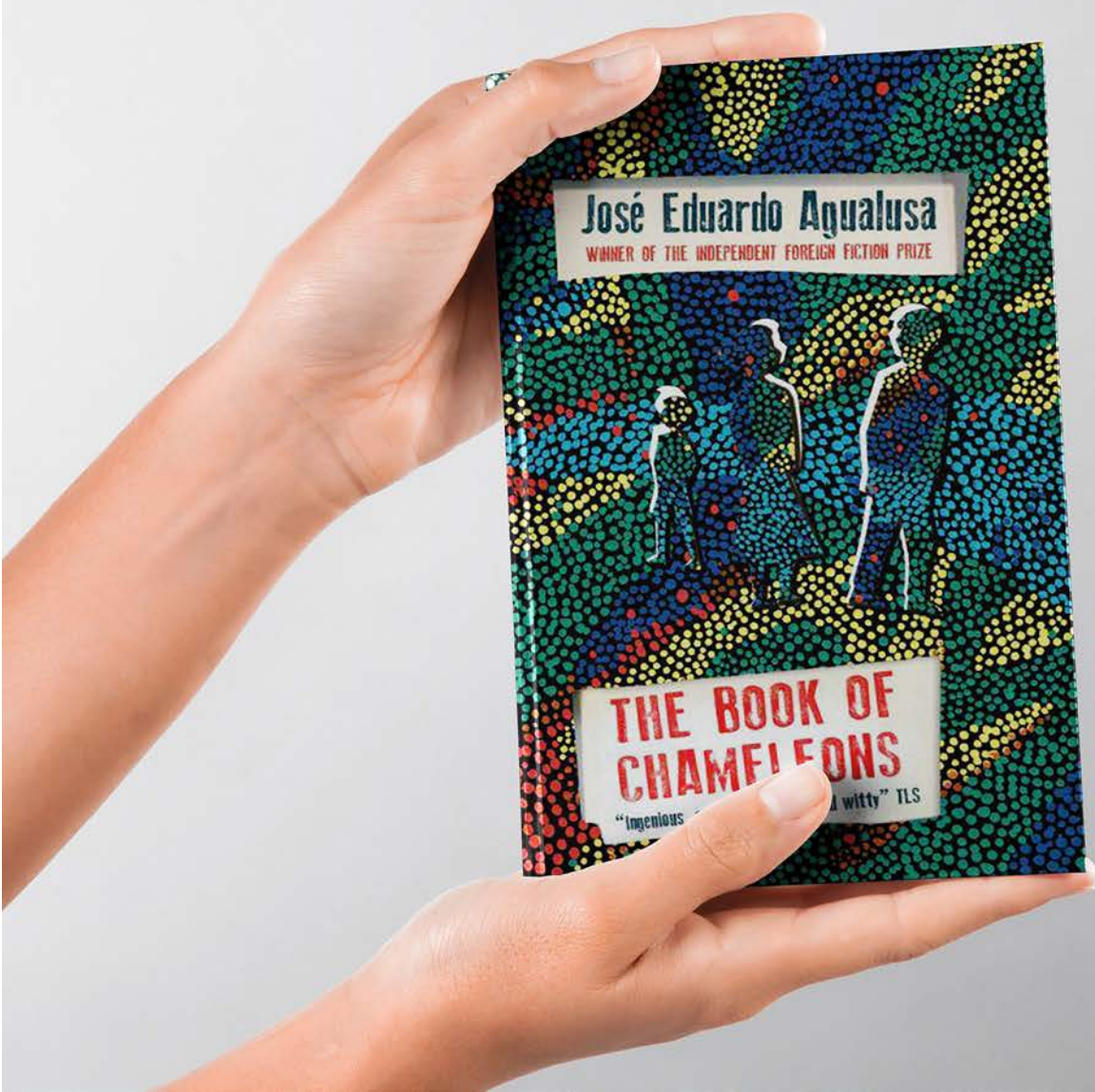
Translated by Daniel Hahn

Both author and translator will join us for our second meeting at PinT Book Club.

Tuesday, 14 March 2023

19.00 h (GMT)

A I L D / R E I N O U N I D O



SAÚDE E BEM ESTAR

O valor do sintoma em psiquiatria infantil

A propósito da irrequietude/hiperatividade



Em pedopsiquiatria, como em todas as áreas da medicina, o sintoma tem uma importância essencial. É ele que nos permite chegar a um diagnóstico e, assim, perceber qual o melhor tratamento.

O sintoma ou a “queixa”, é normalmente aquilo que é relatado pelos pais, cuidadores, professores, aqueles que vivem de perto com a criança.

Mostra a valorização e a tolerância que os adultos têm ao comportamento apresentado pela criança e, por outro lado, a sensibilidade que têm ao possível sofrimento por elas apresentado.

Os sintomas em pedopsiquiatria não são muito variados, dependem da idade da criança, do seu nível de desenvolvimento e da sua capacidade expressiva – passam em gran-

de parte pelo corpo e pelo comportamento e raramente são verbalizados, sobretudo nas crianças mais pequenas.

Para complicar, em pedopsiquiatria, o mesmo sintoma pode corresponder a quadros psicopatológicos diferentes, dinâmicas familiares variadas e ter um significado diverso.

O que é certo é que ao eliminar um sintoma farmacologicamente, sem o compreender antes, eliminamos também a possibilidade de chegar ao seu significado e intervir verdadeiramente (embora haja casos em que é importante utilizar psicofármacos se o sintoma for muito pervasivo, para que a criança possa voltar a ter capacidade para pensar e para pensar-se na relação com os outros).

A irrequietude (ou agitação psicomotora) é um dos sintomas mais frequentes em saúde mental infantil. A irrequietude, numa criança que está a crescer, a aprender a conhecer as suas emoções e a auto-regular-se pode (e tem) de ser compreendida de diversas formas, consoante a criança que nos é apresentada:

- É muitas vezes uma manifestação

de ansiedade – as crianças com ansiedade não são obrigatoriamente inibidas, podem ser apenas mais agitadas, para conseguir, por um lado, libertar a ansiedade através do movimento corporal, por outro lado, conseguir fazer frente à ansiedade sem paralisar;

- Pode ser uma forma de apresentação de alteração do humor – uma criança triste ou até deprimida não apresenta uma sintomatologia igual ao adulto com depressão, antes agita-se para não ter de lidar com pensamentos mais difíceis e para não se permitir entristecer;

- Pode tratar-se duma estratégia relacional – para ter o olhar dos cuidadores, evitar separações, terminar conflitos entre adultos, e até indiciar a presença de cuidadores com depressão (em que essa agitação serve para “animar” e agitar o adulto, que afinal precisa ele também de ajuda);

- Pode até corresponder a quadros psicopatológicos mais graves como problemas da vinculação, rupturas, carências múltiplas, traumas ou situações reactivas.

Estes são apenas alguns exemplos

onde pode existir irrequietude, muito para além dum diagnóstico de perturbação de hiperatividade com défice de atenção (ou PHDA, falo desta entidade pela sua popularidade crescente, o que faz com toda a criança irrequieta seja confundida com criança hiperativa, o que pode não corresponder à verdade e até ser perigoso).

Assim, um comportamento hiperativo/irrequieto na criança pode ser observado como resposta a diversas circunstâncias e em diferentes contextos e uma mesma entidade sintomática pode trazer um diagnóstico muito diferente, com um tratamento também ele muito diferente.

Na maioria das vezes, os meninos que observo tem mais do que razão para se agitarem, e nessa altura dizemos que existe comorbilidade. Os desafios terapêuticos são maiores, mas o olhar tem de ser global.

Já dizia João dos Santos, pedopsiquiatra e psicomotricista, pioneiro da psiquiatria infantil em Portugal, “cada criança nasce numa circunstância que, desde sempre e para sempre, não foi nem será mais repetida, numa circunstância única”.



Andreia Araújo
Médica Pedopsiquiatra



PELA LENTE DE Artur Pastor

A Descendências Magazine agradece por toda a colaboração e preciosa ajuda de Artur Pastor filho, e à Divisão do Arquivo Municipal de Lisboa pela atenção e celeridade com que conduziram este processo, bem como pela cedência das fotografias.



© Arquivo Municipal de Lisboa | Artur Pastor



© Arquivo Municipal de Lisboa | Artur Pastor



© Arquivo Municipal de Lisboa | Artur Pastor



© Arquivo Municipal de Lisboa | Artur Pastor



© Arquivo Municipal de Lisboa | Artur Pastor



© Arquivo Municipal de Lisboa | Artur Pastor



© Arquivo Municipal de Lisboa | Artur Pastor



© Arquivo Municipal de Lisboa | Artur Pastor



© Arquivo Municipal de Lisboa | Artur Pastor



© Arquivo Municipal de Lisboa | Artur Pastor



© Arquivo Municipal de Lisboa | Artur Pastor



© Arquivo Municipal de Lisboa | Artur Pastor



© Arquivo Municipal de Lisboa | Artur Pastor

O que será que tanto atrai e prende a Portugal?

...Será o sol? O sol de apoteose, que acaricia como uma promessa?

Será o mar? O mar que se ama e detesta, tão nosso como os próprios corações, o oceano que a gente lusa desvendou, em audácias incríveis, para dar ao mundo novos mundos?

Será o clima, que se oferece em eterna amenidade? Serão as noites que descem de mansinho, os crepúsculos que enegrecem os poentes ensanguentados?

...E tão apaixonado se fica, que os nacionais criaram a mágica palavra saudade, com que se obsequia os que partem. A saudade é o milagre do afeto e da lembrança.

...Desde o Norte, serrano e empastado de verdes, até às praias transparentes do Algarve, diversidade enorme de usos, tipos, fainas e paisagens, se nos deparam.

Todas as imagens maravilham e entontecem, pela sua prodigalidade, multiplicando-se na medida de cada sensibilidade. Portugal não se visita apenas com o olhar, mas, também, com o coração.

...O país é na verdade estendal infinito de enternecedores detalhes, transbordante de momentos cheios de poesia e sabor próprio. Quando se sair da estrada, e em rápida decisão enveredar a esmo pelos campos, um pequeno mundo nos rodeará sempre.

...Portugal seduz como um verdadeiro apaixonado.

Artur Pastor

COM LUPA: CÁ DENTRO

Em volta da Pérola do Atlântico

III Parte



Neste segundo dia começamos por explorar as sedutoras águas cristalinas da ilha. Não faltam ofertas turísticas com os roteiros mais variados, por isso não deixe de pesquisar! Já deve estar a avistar a imponente “Bonita da Madeira”. Está à sua espera para esta exploração! Na rota de hoje “Madeira Whales & Dolphins Watching” irá apreciar de perto a vida marinha, enquanto percorre a costa madeirense, ao longo de um percurso com o total de 3 horas (entre as 10h30 e as 13h30). Não bastasse a magia paisagística e o contraste das cores fortes vibrantes para o encantar, ainda pode ter um momento de descontração na água a meio da viagem, num local próprio e seguro para nadar. O custo por pessoa é de 35 euros (até aos 4 anos de idade

não tem qualquer custo, e entre os 5 e os 12 anos o custo é de 17,5). Além do horário matinal, caso prefira, tem outra opção entre as 15h00 e as 18h00.

Aproveite para dar um passeio junto à marina e pare para saborear pratos frescos de marisco no Solar da Santola. A qualidade, os preços acessíveis e o atendimento personalizado são todas características deste espaço que lhe irá garantir um almoço sublime.

E, como já passou muito tempo no Funchal, já é tempo de uma mudança de rumo. Vamos para as estradas, que o nosso próximo ponto é a Câmara de Lobos.

O eterno postal de visita do município é sem dúvida a Baía que enaltece a área piscatória. Encante-se com o sump-



tuoso e autêntico cenário e aproveite para relaxar num dos bares acolhedores da área com uma deliciosa poncha, comprar uma lembrança numa loja de souvenirs, ou para usufruir de uma especialidade tradicional num dos restaurantes.

Se há freguesia que é acolhedora é o Curral das Freiras. Aqui reina a tranquilidade que necessita para contemplar o meio envolvente e estar em contacto com a Natureza na sua plenitude. A castanha é um verdadeiro símbolo da freguesia, podendo experimentá-la das mais diversas formas, desde castanhas assadas, até ao licor de castanha e

ao famoso e delicioso bolo de castanha. Não deixe ainda de visitar o Museu da Castanha para descobrir mais sobre as características do castanheiro e da castanha e a relevância desta para os habitantes da região, assim como dos processos de apanha, produção e confeção de bens típicos. Pode visitar gratuitamente entre as 9h00 e as 22h00.

A visita compensa, por isso à saída deixe um donativo para apoiar o Museu!

Qualquer contributo é sempre gratificante!

Para quem tem vertigens, aconselhamos a ignorar esta paragem: Cabo Girão. A área marinha, costeira e arribas

deste espaço apresentam um valor natural e cénico excepcionalmente elevado. Para o Cabo Girão, de acordo com a IUCN (International Union for Conservation of Nature), e tendo em conta as características e os objetivos de gestão do local, foram atribuídas diferentes categorias: Parque Natural Marinho do Cabo Girão, Monumento Natural do Cabo Girão e Paisagem Protegida do Cabo Girão. Se é fã de miradouros, acredite que o do Cabo o irá surpreender! É que além de uma das vistas envolventes mais altas do mundo, do alto dos seus 580 metros, consegue observar tudo o que está literalmente abaixo de si, pela famosa plataforma suspensa em vidro. Levando em conta os amantes da adrenalina, recomendamos que aproveite este local privilegiado para fazer parapente ou salto de base. Se tiver tempo, pode ainda aproveitar para fazer umas tours de tuk-tuk ou de jipe pela zona.

Para um momento espiritual e/ou para uma apreciação arquitetónica, visite a Capela de Nossa Senhora da Conceição. Mandada construir em 1420 por João Gonçalves Zarco (um dos descobridores do arquipélago), sobressai na capela o seu altar barroco, rico em talha dourada, e os quadros da autoria de Nicolau Ferreira.

Destacamos ainda da Câmara de Lobos o Miradouro Eira do Serrado, o Miradouro da Boca dos Namorados e o Miradouro do Salão Ideal.

Seguimos para a nossa última paragem: Porto Moniz.

Se o tempo o convidar, comece por mergulhar nas piscinas naturais. A água é um pouco fria, mas vale a pena pela experiência! Se não estiverem condições propícias para se aventurar pelas piscinas, limite-se a contemplar a formosura do local.

Os aquários têm sempre um magnetismo fascinante que





atrai pessoas de todas as faixas etárias. Para terminarmos este roteiro pela Madeira não poderíamos deixar, deste modo, de selecionar para si um local garantidor de tais características.

Inaugurado a 4 de setembro de 2005, o Aquário de Porto Moniz surgiu com o propósito de preservar e proporcionar aos visitantes a possibilidade de conhecerem a biodiversidade marinha dos mares do Arquipélago da Madeira. Ao chegar, vai desde logo surpreender-se com a edificação, uma vez que o Aquário apresenta o aspeto de um forte. Entre e conheça mais de 90 espécies autóctones, distribuídas por 12 tanques de exposição. E, se ainda não deu um salto para as piscinas naturais, ou ainda não fez nenhuma atividade de mergulho desde que chegou à ilha, o Aquário conta com uma parceria com a empresa Turtle Diving Center, que lhe irá permitir mergulhar dentro do Aquário

e das piscinas naturais, sem a necessidade de certificado. Os instrutores são bastante dedicados, o ambiente é seguro, garantindo-lhe assim uma vivência memorável e terapêutica. Os preços dos bilhetes para o Aquário variam entre os 3 € e os 8 €. Pode visitar em qualquer dia entre as 10h00 e as 18h00. Para a atividade de mergulho o custo é de 90 euros entre os meses de janeiro e junho, e de 100 euros entre julho e setembro. O preço pode ser um pouco elevado, mas tendo em conta a supervisão e as condições que lhe asseguram, e a interação indelével com as espécies marinhas, aconselhamos mesmo a que não deixe esta oportunidade passar! Finalmente, tenha em atenção que por causa do elevado risco de doença de descompressão, não pode viajar de avião no dia do mergulho.

Esperamos que o encanto das águas o faça retornar à inesquecível pérola do atlântico...



Fátima Pinheiro
Geógrafa

| COM LUPA: LÁ FORA

Abu Dhabi

Das pérolas ao petróleo



Os Emirados Árabes Unidos representam o destino de uma viagem ao coração do Médio Oriente. Esta nação cujas fronteiras são limitadas por Omã e Arábia Saudita, representa uma recém confederação árabe, composta por sete emirados, entre os quais o maior emirado cuja capital é a belíssima cidade de Abu Dhabi. A origem do nome “Abu Dhabi” advém do termo “pai do cervo”. Segundo registos históricos, a região seria habitada por tribos beduínas e um conjunto de cervos que se refugiavam na região que estarão alegadamente na origem do nome da cidade.

A posição estratégica dos Emirados Árabes entre o ocidente e oriente privilegiou deste sempre as trocas comerciais e durante anos este local foi ponto de paragem no período das descobertas. Apesar dos vestígios históricos datarem do neolítico 5000 a.C. apenas durante o Século XVI, Portugueses, Ingleses e Holandeses seguindo as rotas de Vasco Gama

aportaram neste local. A tentativa de controlo desta região, visava permitir aos europeus o controlo da pirataria nos Golfos Pérsico e de Omã conferindo desta forma proteção à rota das especiarias. Todavia o resultado não terá sido o melhor, o controlo da região pelo império Otomano e consequente as ocupações de determinadas zonas por piratas resultaram em batalhas sangrenta e consequente instabilidade da região. Em 1820 os governantes locais assinaram o denominado acordo “Estados de Trégua” que visou conferir independência a cada emirado e proteção britânica contra eventuais ataques na região. Durante este período a indústria de pérolas prosperou, tornando-se a maior fonte de rendimentos da região até meados do Séc. XX. Seguiram-se períodos conturbados, nomeadamente a depressão económica pós Primeira Guerra Mundial e a concorrência desleal de pérolas provenientes do Japão. As restrições económicas experienciadas levaram os

loais a procurar uma fonte de rendimento diferente, sendo que em 1930-1936 foram descobertas incríveis jazidas de petróleo e gás natural, restabelecendo assim a imponência económica da região até aos dias de hoje. Atualmente a cidade de Abu Dhabi detém 9% das reservas petrolíferas do mundo, transformando este emirado num local privilegiado no qual as maiores empresas do mundo pretendem estar presentes. A recessão e um passado pobre são adjetivos que não qualificam a região, o império do comércio das pérolas é literalmente história do passado. Estamos perante uma das cidades mais ricas do mundo.

Localizada na parte nordeste do Golfo Pérsico na Península Árabe a cidade está localizada numa ilha de areia ligada ao continente através de pontes. Habitada maioritariamente por estrangeiros e expatriados, esta cidade árabe destoa das suas congéneres. O clima desértico e ensolarado da cidade traduz-se em temperaturas bastante elevadas, sendo pouco recomendável visitar a cidade durante o período compreendido de junho a setembro. A chegada a Abu Dhabi é efetuada através do aeroporto Internacional localizado a 35km do centro da cidade. O Aeroporto Internacional de Abu Dhabi caracteriza-se por ser a sede da célebre companhia aérea Etihad Airways e cujo nome advém da palavra «União» e que visa celebrar o passado histórico da região. Na viagem de ligação entre o aeroporto e centro da cidade, antevê aquilo que o visitante poderá esperar, nomeadamente múltiplos palácios, arquitetura moderna, uma paisagem repleta de guias que indiciam construção intensiva. Partimos à descoberta da cidade e o nosso primeiro destino reside no maior ex-libris da cidade, a Mesquita Sheikh Zayed.

Mesquita Sheikh Zayed – Grande Mesquita

Edificada como último repouso do eterno presidente Sheikh Zayed, a mesquita de Zayed igualmente conhecida como a Grande Mesquita é sem sombra de qualquer dúvida uma das maiores mesquitas do mundo. Este local de culto islâmico caracteriza-se por permitir visitas de não muçulmanos, todavia sobre regras apertadas no que confere à indumentária. A grande mesquita sobressai dos demais edifícios graças aos seus imponentes quatro minaretes em mármore e com a cúpula em talha dourada. O exterior é estonteante rodeado por jardins devidamente cuidados repletos de água, um bem escasso nestas paragens. O interior da mesquita faz jus ao exterior, as salas amplas decoradas em tom dourado, os candeeiros de cristal talhado a ouro, tornam este local único. No interior podemos contemplar sob a forma de museu, artefactos ligados à história dos emirados e do mundo árabe. Este local é imperdível sendo o verdadeiro ex-libris da cidade, obrigatoriamente terá de fazer parte do roteiro de locais a visitar pois estamos perante uma verdadeira obra-prima de engenharia. Não se esqueça que o acesso a este monumento é gratuito e por isso limitado, sendo que deverá agendar previamente a visita online.

Circuito Yas Marina

Localizado na ilha artificial de Yas Island, o circuito Yas Marina é um dos circuitos mais famosos do mundo, sendo inclusive anualmente palco do Grande Prémio Fórmula 1 – Abu Dhabi. O circuito cuja pista se desenvolve por 5.5km foi construído em 2009 é considerado o circuito mais moderno do mundo; destaco o hotel introduzido no meio do circuito e que permite aos visitantes uma vista privilegiada para a pista desde o quarto.





Nas imediações deste circuito podemos igualmente encontrar a Marina de Yas que dá nome ao circuito e no qual aportam os maiores iates do mundo no decorrer do evento da Fórmula 1. Este local icónico da cidade está aberto ao público todos dias e permite um conjunto de experiências para todas as carteiras. O visitante poderá recorrer às bicicletas gratuitas e pedalar no traçado principal do evento, ou pilotar um veículo de corrida.

Louvre Abu Dhabi

Este museu é o resultado da parceria estabelecida entre o governo local e o museu do Louvre de Paris. Localizado no distrito cultural da cidade encontra-se esta obra da arquitetura cujo destaque vai para sua cúpula circundada de água. A coleção permanente deste museu encontra-se organizada cronologicamente, retratando a história da Humanidade, desde a pré-história até à atualidade.

A construção deste museu terá demorado cerca de 10 anos e o custo superado os 500 milhões de euros e no seu interior o visitante poderá contemplar peças cedidas ao abrigo de protocolos entre os museus. Recomendo que visite após o pôr do sol visto que é de acesso gratuito, aproveite para observar os jardins circundantes com vista privilegiada para o monumento. Caso seja amante de atividades radicais é possível alugar caiaques e navegar pelo seu interior.

Parques Temáticos

Ferrari World

Localizado na ilha Yas este parque temático dedicado à famosa marca Ferrari, faz as delícias dos aficionados. Conta com bastantes atrações que procuram retratar a história desta marca assim como possibilitar ao visitante a vivência de experiências similares à de pilotar um Ferrari. Apesar de não ser propriamente um local imperdível é sem sombra de dúvida um local que permite umas horas repletas de emoção.

Warner Bros World

Na ilha Yas podemos desfrutar de um dos melhores parques temáticos, repleto de diversões transportam as crianças para os melhores cenários dos desenhos animados. Os adultos poderão recordar verdadeiros ícones como Scooby-Doo, Tom & Jerry entre outros. Visite o parque Warner pela manhã, evitando assim a possibilidade de filas das atrações, caso viaje com crianças, acredite ficará difícil segurar o ímpeto dos mais novos.

Palácio Qasr Al Watan

Qasr Al Watan representa um dos mais importantes edifícios dos Emirados Árabes Unidos, construído para funcionar como palácio presidencial destaca-se pela sua ornamentação luxuosa. As visitas ao palácio Qasr Watan são permitidas desde 2019, sendo utilizado como residência



oficial do Emir e para receber os principais líderes de Estados estrangeiros. Os visitantes poderão admirar os extensos jardins e o no interior as deslumbrantes salas devidamente ornamentadas. A fachada em granito branco com toques de dourado e os interiores repletos a cristal tornam este edifício numa verdadeiro local de ostentação.

O visitante poderá adquirir os ingressos no próprio dia sendo que o acesso ao palácio é feito através de autocarro interno. O Palácio Qasr Al Watan é sem sombra de dúvida um local icónico da cidade, completamente transformado para a organização de eventos e reuniões do mais alto nível. Aproveite os jardins para descansar e fotografar a cidade, a vista é realmente interessante e podemos observar os demais arranha-céus da cidade.

Excursão Deserto

A cidade de Abu Dhabi encontra-se inserida numa zona desértica, sendo que diversas excursões partem diaria-

mente para acampamentos situados no Deserto. Nestas poderá realizar um conjunto vasto de atividades. Para os mais audazes a oferta turística é diversificada, nomeadamente existe a oportunidade de experimentar deslizar nas dunas usando uma «SandBoard», ou experimentar a travessia das dunas numa viatura 4x4.

A excursões ao deserto terminam num acampamento no qual os turistas são convidados a usar roupas árabes, assistir a um espetáculo musical enquanto se deliciam com as iguarias locais.

Abu Dhabi é um local idílico demonstrando ostentação, mas acredite poderá encontrar muito mais que luxo, encontrará sim um povo afável que trabalhou e trabalha na transformação deste lugar inóspito. A cidade tem encanto tanto de dia como de noite e aproveite para passear e observar a dinâmica local.

A cidade das Pérolas.



João Costa

Doutorando em Sistemas Sustentáveis de Energia



| FALAR PORTUGUÊS

Os Portugueses têm sotaque?

Estava eu hoje a almoçar um pouco à pressa, quando oiço uma conversa entre dois homens ao meu lado que me pôs com as orelhas bem atentas. Um deles descrevia a vida no Brasil e dizia que «os brasileiros tinham dificuldade em perceber o meu sotaque».

O amigo ficou chocadíssimo (com muito íssimo no chocado). «Desculpa lá, eles é que têm sotaque, não és tu!» Imaginem o gesto indignado a acompanhar, que agora não tenho tempo para o descrever em condições.

O homem que tinha ido ao Brasil lá acalmou os ânimos do amigos dizendo simplesmente que «sim, é verdade, mas para

eles é ao contrário». E, pronto, a conversa seguiu por outros caminhos menos linguísticos e eu lá terminei de levar o garfo à boca, depois da momentânea suspensão.

Só posso concluir que a palavra «sotaque» tem muitos significados diferentes por essas cabeças fora.

Para alguns, quer dizer «forma de falar que não está de acordo com a norma».

Para outros, quer dizer «forma de falar diferente da minha».

Para aquele homem ali sentado ao meu lado, a ouvir as aventuras brasileiras do amigo, «sotaque» é qualquer forma de falar que seja diferente da norma dele (a norma do português

de Portugal) — acho eu, que isto de adivinhar o que os outros pensam não é assim tão fácil.

Ora, para mim (e não serei só eu, espero), a palavra «sotaque» quer dizer apenas «forma de falar distintiva». Ou seja, o sotaque consiste em todas as características da fala que nos permitem saber alguma coisa sobre a pessoa. Ora, claro que os Portugueses têm sotaque: é fácil perceber que uma pessoa é portuguesa pelo sotaque, tal como é fácil perceber quando falamos com um brasileiro.

Há sotaques mais distintivos do que outros. Há pessoas que falam e percebemos que são portuguesas e pouco mais, porque o sotaque se aproxima da tal padrão que não deixa de ser difícil de definir e nos levaria a horas de discussão.

Outros têm sotaques que nos permitem localizá-los, no nosso mapa mental, no Porto ou em Lisboa ou numa determinada rua da Nazaré. Ou, claro, nalgum canto do Alentejo ou das nossas estimadas ilhas.

Agora, o choque: o sotaque não está apenas na boca de quem fala, mas também nos ouvidos de quem ouve.

Sim: aquilo que chamamos ao sotaque de outra pessoa tem muito a ver com o que sabemos e conhecemos sobre as maneiras de falar dos outros.

Por exemplo, consigo detectar perfeitamente o sotaque do Norte, mas tenho alguma dificuldade em distinguir o sotaque do Porto do de outras cidades da região. Ora, para os ouvidos nortenhos, será muito fácil perceber se alguém vem da Foz ou se é de Braga, ou se, pelo contrário, vem dos arrabaldes de Guimarães. Da mesma forma, os alentejanos têm imensas cambiantes nos seus falares mas, para quem vem de fora, é tudo alentejano.

No concelho onde nasci, tenho conterrâneos que distinguem os falares de cada terra. Há, por lá, quem jure que as gentes de Ferrel falam de maneira completamente diferente dos penichenses (isto para não falar dos atouguienses). Para pessoas

do Norte, tenho quase a certeza que tudo soa um bocado a alentejano (assim de forma apressada, diria que o sotaque das cidades grandes do Sul aproxima-se daquilo a que chamamos «lisboeta» e o sotaque das aldeias e vilas aproxima-se mais do «alentejano», mesmo se não estivermos no Alentejo; mas não sou, nem por sombras, especialista nestas questões).

Também por Lisboa conheci quem me garantisse ser possível distinguir gentes de Alfama de gentes de Marvila pela maneira de falar. Eu não consigo, com muita pena.

Voltando ao outro lado do Atlântico: o português do Brasil soa quase sempre igual aos ouvidos lusitanos e, no entanto, um brasileiro rir-se-ia se lhe dissessem que os cariocas e os paulistas falam da mesma maneira. Lá está: o sotaque também está no nosso ouvido. Por outro lado, os brasileiros ouvem-nos e estão perante um sotaque que reconhecem como português. Muito provavelmente, um portuense e um lisboeta, aos ouvidos deles, soam exactamente da mesma maneira.

Voltando à questão inicial: claro que os brasileiros, para nós, têm sotaque: conseguimos saber se uma pessoa é brasileira pela maneira de falar. Ora, pela mesma ordem de ideias, os portugueses têm sotaque: temos uma forma de falar muito particular, que permite aos brasileiros dizer com segurança que somos portugueses. Se pensarmos de forma minimamente objectiva, não há qualquer razão para dizer que o brasileiro fala com sotaque, mas o português não — excepto se cairmos no simplismo de achar que «sotaque» quer dizer apenas «uma maneira de falar diferente da minha» ou «maneira de falar diferente do que acho ser o correcto».

Bem, será que ainda tenho tempo de discutir a estranha forma como algumas pessoas mudam de sotaque de acordo com a pessoa que as está a ouvir? Parece-me que não. Fica para a próxima.



Marco Neves

Universidade Nova de Lisboa

MERCADO DE CRIPTOATIVOS

Tokenização de ativos

Um mundo por explorar



A tokenização de ativos refere-se ao processo de conversão de ativos em tokens digitais que representam a propriedade ou posse de um ativo. Esses tokens são armazenados numa rede blockchain e podem ser negociados em troca de outras criptomoedas ou moedas fiduciárias. A tokenização

de ativos pode ser aplicada a uma ampla gama de setores, incluindo instrumentos financeiros, imóveis, obras de arte e qualquer outro tipo de ativo tangível ou intangível.

A principal vantagem da tokenização de ativos é a facilidade com que os ativos podem ser negociados e transferi-

dos numa escala global, sem a necessidade de intermediários. Isso torna o processo de compra e venda de ativos mais eficiente, seguro e transparente, além de reduzir custos e aumentar a liquidez dos ativos.

No setor imobiliário, a tokenização de ativos permite que investidores indi-



viduais possam investir em imóveis, que normalmente exigiriam grandes quantias de capital. Além disso, permite que proprietários possam vender partes de suas propriedades, fornecendo-lhes maior flexibilidade financeira.

Na arte, a tokenização de ativos permite que colecionadores possam possuir uma fração de uma obra de arte, o que antes era inacessível a muitas pessoas. Isso pode aumentar a democratização do acesso à arte, além de permitir a venda de frações de obras de arte sem a necessidade de vendê-las inteiramente.

No setor financeiro, a tokenização de

ativos pode fornecer uma maneira mais eficiente e acessível de investir em ativos tradicionais, como ações, títulos e fundos de investimento. Esses tokens podem ser negociados em trocas globais através de tecnologia blockchain, permitindo que investidores de todo o mundo invistam em ativos tradicionais com menos dificuldades de acesso aos respectivos mercados.

A tokenização de ativos também pode oferecer benefícios para empresas que desejam levantar capital, bem como para investidores que desejam investir em projetos com potencial de crescimento. Por exemplo, as empresas po-

dem usar a tokenização de ativos para vender ações ou títulos em troca de tokens, permitindo que os investidores possam investir em empresas com mais facilidade e menos entraves burocráticos.

Apesar dos benefícios potenciais da tokenização de ativos, ainda existem desafios a serem enfrentados, como a regulamentação e a segurança. No entanto, com o aumento da adoção da tecnologia blockchain e o desenvolvimento de padrões regulatórios para tokens digitais, a tokenização de ativos tem o potencial de transformar a maneira como investimos e possuímos ativos.



Nuno Lima da Luz

Presidente da Associação Portuguesa
de Blockchain e Criptomoedas

| FISCAL

Regresso a Portugal

Os portugueses que regressam a Portugal para serem aqui residentes fiscais, enquanto não comecem a trabalhar estão-lhes assegurada a proteção social em Portugal, caso venham de um país com convenção de Segurança Social com Portugal, caso contrário não.

Para evitar isso pode requerer o Seguro Social Voluntário no caso de pretender continuar a efetuar descontos, se estiver em dificuldades económicas pode solicitar o Rendimento Social de Inserção.

Logo que comece a trabalhar terá o mesmo tratamento que qualquer residente em Portugal.

A inscrição no centro de saúde é muito importante para ter acesso pleno ao sistema de saúde português.

Para salvaguardar os seus direitos futuros de reforma, convém trazer consigo o extrato de carreira contributiva, conservando também todos os comprovativos de atividade no estrangeiro.

No caso de já serem pensionistas, devem comunicar à Segurança social do país de origem a mudança de residência e a sua nova morada em Portugal.

Caso esteja em situação de desemprego

de um país da EU, tem direito a mudar-se para Portugal para procurar emprego por um período de 3 meses, que pode ser prolongado até um máximo de 6 meses, continuando durante esse tempo a receber o subsídio de desemprego do país onde trabalhou pela última vez, deverá no entanto, inscrever-se no Centro de emprego quando chega a Portugal.

Antes de chegar a Portugal, não esquecer de avisar as finanças estrangeiras da nova morada de residência fiscal em Portugal, bem como os bancos e companhias de seguros de que seja cliente. Quando chega a Portugal deve comunicar às finanças portuguesas, que passou a ser residente fiscal em Portugal. Caso não tenha residido fiscalmente em Portugal nos últimos 5 anos, aproveite para requerer também o estatuto de residente não habitual, que ao contrário do mito urbano, é um regime muito interessante e não foi criado só para estrangeiros, mas também para os portugueses.

Outro aspeto que não deve ser esquecido, é a obtenção de matrículas portuguesas para os veículos que são trazidos, bem como a troca da carta de

condução para uma portuguesa, tendo 60 dias para o efeito.

Outro passo a não esquecer é a obtenção de equivalências e reconhecimento de qualificações e habilitações literárias, pelo que deve trazer consigo os documentos estrangeiros comprovativos da frequência e conclusão de habilitações literárias estrangeiras devidamente legalizados com a Apostila nos termos previstos da Convenção de Haia. Caso os documentos não estejam em castelhano, inglês e francês, deverá ser assegurada uma tradução juramentada.

Não esquecer que os emigrantes e os seus familiares beneficiam do contingente especial no acesso ao ensino superior que não têm sido esgotados nos últimos anos.

Não havendo qualquer limitação no exercício de uma profissão em Portugal, exceto para as que o seu exercício está regulamentado. Para o exercício destas é necessário cumprir com alguns requisitos e obter um reconhecimento formal pelas autoridades competentes. Não esquecer que os contabilistas certificados poderão ser um precioso apoio e guias neste regresso a Portugal.



Philippe Fernandes
CEO Cisterdata



Quando falham certos detalhes tudo se torna inútil.
info@amostradeletras.pt

Ei![®]
Assessoria
Migratória

WWW.EIMIGRANTE.PT

VIVA OS SEUS SONHOS VIVA EM PORTUGAL

+351 217 960 436

GERAL@EIMIGRANTE.PT

@EIMIGRANTE



AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 35-2ºA 1050-118 LISBOA
RUA FELICIANO DE CASTILHO, 66 4000-293 PORTO